

A Problemática do Bilinguismo e as Interferências Culturais e Linguísticas no Acto de Tradução

Beatriz Parralejo Baena

Dissertação de Mestrado em Tradução

Março, 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Tradução, realizada sob a orientação
científica da Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas e da Prof.^a Doutora
Maria Francisca Xavier.

Dedicatória

A mis padres que me han abierto todas las puertas, ofreciéndome todas las oportunidades a su alcance y haciendo de mí la persona que soy hoy.

A Luciano, mi futuro marido, que me ha acompañado en este camino.

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Dissertação de Mestrado é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, 30 de Março de 2013

Declaro que esta Dissertação de Mestrado se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

A orientadora,

A orientadora,

Lisboa, 30 de Março de 2013

AGRADECIMENTOS

A dissertação aqui delineada foi realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Gabriela Gândara Terenas e da Prof.^a Doutora Maria Francisca Xavier, professoras que despertaram em mim o interesse pela investigação no âmbito académico, em geral, e dos Estudos de Tradução, em particular. Agradeço também a sua generosidade, conhecimentos e o entusiasmo com que aceitaram a minha proposta, além da sua paciência no decorrer do processo.

Agradeço à Maria de Fátima Batista Russo, pela ajuda prestada no português e pelo seu contributo com o texto apresentado neste trabalho: “Revisão Realizada por uma Pessoa Nativa Portuguesa”.

Aos colegas, agora amigos, do Curso de Mestrado em Tradução, uma palavra de gratidão e amizade pelo apoio incondicional e por enriquecerem a minha vivência como estudante em Portugal.

Agradeço, ainda, àqueles que sempre acreditaram em mim.

RESUMO

Embora o domínio de duas ou mais línguas (competência inerente ao tradutor) seja, para alguns teóricos, símbolo de bilinguismo, nem os Estudos de Tradução nem as Teorias do Bilinguismo o têm discutido enquanto problemática a analisar no contexto da actividade tradutória. Deste modo, a presente dissertação tem como objectivo primordial identificar as dificuldades e discutir os problemas surgidos a um sujeito bilingue no acto da tradução e, ao mesmo tempo, averiguar se aqueles podem e/ou devem ser enquadrados e tipificados quer no contexto dos Estudos de Tradução quer no das Teorias do Bilinguismo. Numa sociedade globalizada, cada vez mais exigente com o “trabalhador” e, portanto, também com o tradutor, o qual tem a obrigação de ser portador de mais e melhores competências para desenvolver o seu ofício, propomo-nos não só reflectir sobre o estatuto do tradutor bilingue, sobretudo enquanto mediador de culturas, mas também sobre a articulação entre os Estudos de Tradução e as Teorias do Bilinguismo, entendida como uma ferramenta necessária ao enquadramento teórico, à análise crítica e à prática da tradução.

Palavras-chave: bilinguismo, estudos de tradução, mediação interlinguística e intercultural, estatuto do tradutor

ABSTRACT

Whereas in the opinion of certain theorists, a command of two or more languages (inherent to the translator) is the essence of bilingualism, it has not so far been considered a question worthy of further analysis within the context of the translation activity, either by Translation Studies or Bilingualism Theories. The primary purpose of this dissertation, therefore, is to identify the difficulties and discuss the problems which confront a bilingual translator during the process of translating and, at the same time, to evaluate how far such difficulties can be defined and fall within the scope of Translation Studies or Bilingualism Theories. In a globalised society which is placing greater demands upon workers, translators are no exception, and they are expected to possess ever higher standards of competence for their craft. Hence, we propose not just to examine the role of the bilingual translator, primarily as a mediator between cultures, but also to analyse the correlation between

Translation Studies and Bilingualism Theories, understood as an essential tool in the establishment of a theoretical framework, in critical analysis and translating practice, itself.

Key-words: bilingualism, translation studies, intercultural and interlinguistic mediation, translator status.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	3
1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	6
1.1. BILINGUISTO E ESTUDOS DE TRADUÇÃO	6
1.2. ESTRATÉGIAS DE UMA TRADUTORA BILINGUE.....	19
1.3. INTERFERÊNCIAS LINGÜÍSTICAS E CULTURAIS	24
2. UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO	28
2.1. A PRIMEIRA TRADUÇÃO	30
2.2. A TRADUÇÃO REVISTA PELA PRÓPRIA TRADUTORA	35
2.3. REVISÃO REALIZADA POR UMA PESSOA NATIVA PORTUGUESA	41
2.4. VERSÃO FINAL.....	46
2.5. QUADRO COMPARATIVO DO PROCESSO DE TRADUÇÃO	52
3. ANÁLISE CRÍTICA DAS TRADUÇÕES	57
3.1 TABELA DE ANÁLISE DAS INTERFERÊNCIAS LINGÜÍSTICAS E CULTURAIS	60
3.1.1 LINGÜÍSTICAS	60
3.1.1.1 Lexicais.....	60
3.1.1.2. Sintáticas	63
3.1.1.3 Fonéticas	66
3.1.2 CULTURAIS	67
3.2. ANÁLISE CRÍTICA DAS INTERFERÊNCIAS	68
CONCLUSÃO.....	74
BIBLIOGRAFIA	77
I) FONTES PRIMÁRIAS.....	77
II) FONTES SECUNDÁRIAS.....	77
1. Estudos de Tadução	77
2. Estudos de Bilinguismo e de Linguística.....	80
ANEXOS.....	82
ANEXO I: TABELA DE TIPOS DE BILINGUISTO	83
ANEXO II: TEXTO DE PARTIDA	86

INTRODUÇÃO

A dissertação que agora se apresenta surgiu da experiência adquirida ao longo da componente lectiva do Mestrado em Tradução, na medida em que, sendo a nossa língua materna o espanhol, o facto de realizar traduções de outra língua para português constituiu um desafio permanente e motivo de dificuldades acrescidas. Os obstáculos com que nos deparámos levaram-nos a procurar ferramentas teóricas ou outro tipo de suportes que nos ajudassem a ultrapassá-los.

Se é certo que, em princípio, o tradutor deve traduzir para a sua língua materna, nem sempre tal se verifica. De facto, um tradutor pode trabalhar com duas línguas que domine muito bem, não sendo qualquer uma delas a sua língua materna. Esta circunstância leva ao aparecimento de outras interferências culturais e linguísticas, para além das já inerentes a qualquer acto tradutório, constituindo, assim, mais uma dificuldade para o seu trabalho. Em era de globalização, em que os tradutores têm que se adaptar às novas exigências sociais e de mercado, a tradução torna-se, cada vez mais, um acto que se realiza no cruzamento de diferentes culturas e línguas, que, não raro, convivem dentro de um único sistema. Em consequência, são cada vez em maior número os tradutores que não traduzem (pelo menos exclusivamente) para a sua língua materna.

A presente dissertação tem, assim, como objectivo primordial, tentar identificar as dificuldades surgidas a um tradutor nas circunstâncias atrás mencionadas, a par do enquadramento das mesmas no âmbito dos Estudos de Tradução e das Teorias do Bilinguismo. Dito de outra forma, o que nos importa discutir são os problemas que se levantam a um sujeito bilingue no acto da tradução e, ao mesmo tempo, averiguar se aqueles podem e/ou devem ser enquadrados e tipificados quer no contexto dos Estudos de Tradução quer no das Teorias do Bilinguismo. Por outro lado, numa sociedade cada vez mais exigente com o “trabalhador” e, portanto, também com o tradutor, o qual tem a obrigação de ser portador de mais e melhores competências para desenvolver o seu ofício, devemos ver os Estudos de Tradução e as Teorias do Bilinguismo como ferramentas necessárias ao enquadramento teórico, à análise crítica e à prática da tradução. Com

efeito, embora o domínio de duas ou mais línguas (competência inerente ao tradutor) seja, para alguns teóricos, símbolo de bilinguismo, nem os Estudos de Tradução nem as Teorias do Bilinguismo o discutem enquanto problemática a analisar no contexto da actividade tradutória.

Se a língua é um organismo em contacto com outras, tal convivência pode produzir-se em diferentes âmbitos: políticos, religiosos, culturais, económicos, educativos ou tecnológicos. Neste contexto, parece-nos possível estabelecer uma ligação entre as Teorias do Bilinguismo e os Estudos de Tradução, sobretudo quando consideramos as traduções, segundo a visão de Gideon Toury, como “facts of the culture which hosts them” (Toury 1995:24). De acordo com este autor, as traduções devem ser estudadas enquanto factos da cultura de chegada, na medida em que esta determina as circunstâncias em que uma tradução é realizada. Estas perspectivas devem-se, em grande medida, ao aparecimento (nos anos setenta do século passado) de uma nova área disciplinar, os Estudos de Tradução, que reconheceu ao tradutor um papel de mediador activo em todo este processo, como, aliás, se tem vindo a verificar com as teorias de James Holmes, Itamar Evan-Zhoar, Susan Bassnett, Gideon Toury ou André Lefevere, entre muitos outros. Estas abordagens teórico-práticas revelam-se, assim, da maior importância para a análise do estatuto do tradutor bilingue e das complexas implicações inerentes à sua condição.

Em grande medida, podemos considerar o bilinguismo como elemento indissociável da actividade tradutória, na medida em que o tradutor, com um domínio muito elevado das diferentes línguas com as quais trabalha, pode ser considerado bilingue. Neste contexto, parece-nos legítimo colocar, desde logo, a seguinte questão: será que o facto de um tradutor ser bilingue constitui uma dificuldade acrescida para o seu trabalho, sobretudo, como vimos atrás, quando nenhuma das duas línguas é a materna, ou será que, pelo contrário, o bilinguismo deve ser encarado como mais uma ferramenta útil ao acto de tradução e/ou à análise crítica de um texto traduzido?

Tendo em conta a problemática inerente às definições de bilinguismo e assumindo o nosso estatuto de “tradutora bilingue”, propomo-nos, com o intuito de tentarmos chegar a algumas conclusões ou, pelo menos, de encontrarmos algumas

respostas significativas, traduzir, do inglês para o português, um dos contos incluídos na colectânea *Very Short Stories & Verses for Children* de Lucy Clifford (1846-1929). A principal justificação para a escolha do conto de Lucy Clifford reside no facto de a escritora, até ao momento, nunca ter sido traduzida para português. Deste modo, nem a tradução, nem a subsequente análise da mesma terão qualquer possibilidade de comparação, o que nos permitirá, assim o desejamos, centrar o nosso estudo no tema proposto: a problemática do bilinguismo e as interferências culturais e linguísticas no acto tradutório.

Assim, num primeiro capítulo, de cariz eminentemente teórico, intitulado justamente “Pressupostos Teóricos”, pretendemos reflectir sobre as interferências culturais e linguísticas com que um tradutor bilingue necessariamente se confronta, enquadrando-as no âmbito das referidas áreas de estudo. Este capítulo foi subdividido em três momentos: “Bilinguismo e Estudos de Tradução”, “Estratégias de uma Tradutora Bilingue” e, por ultimo, “Interferências Linguísticas e Culturais”. Num segundo capítulo – “Uma Proposta de Tradução” – levámos a cabo a tradução, para português, do conto “Master Willie”, incluído na referida colectânea de Lucy Clifford. Neste capítulo teremos oportunidade de observar o processo tradutório desenvolvido desde a primeira tradução realizada até à versão final, passando pela revisão feita pela própria tradutora, assim como uma revisão levada a cabo por uma pessoa nativa portuguesa. Este capítulo finaliza com um “Quadro Comparativo do Processo de Tradução”. Num terceiro e último capítulo – “Uma Análise Crítica da Tradução” – faremos uma análise do quadro apresentado no capítulo dois, passando depois à classificação das interferências linguísticas e culturais existentes na tradução. Estas últimas serão, em seguida, analisadas de acordo com as perspectivas teóricas explanadas no primeiro capítulo.

1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

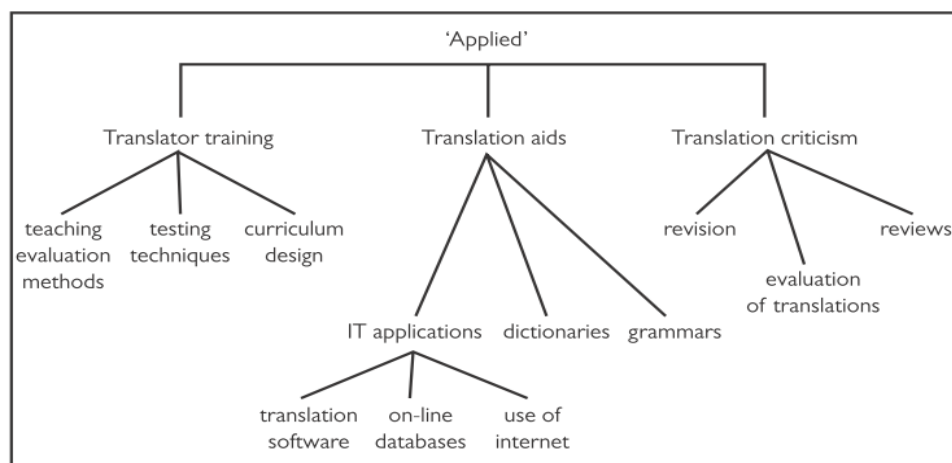
The fantastically wasteful prodigality of human
tongues, the Babel enigma, points to a vital multiplication of mortal
liberties. Each language speaks the world in its own ways.
Each edifies worlds and counter-worlds in its own mode.
The polyglot is a freer man
(Steiner 1989:56-57).

1.1. Bilinguismo e Estudos de Tradução

Fundamentando-se no trabalho desenvolvido tanto por teóricos como por tradutores, os Estudos de Tradução têm trazido novas perspectivas sobre a actividade tradutória, a análise crítica das traduções, o estatuto do tradutor e, ainda, a relação entre língua e cultura. De entre os autores mais relevantes, destacam-se (entre muitos outros), os contributos de James S. Holmes, Itamar Evan-Zohar, Gideon Toury, Vladimir Ivir, Susan Bassnett, André Lefevere ou Lawrence Venuti.

James Holmes, por muitos considerado o autor do conceito de “estudos de tradução”, com o texto “The Name and Nature of Translation Studies”, publicado em *Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies* (1972: 67-80), defendeu que a nova disciplina se preocupa com a complexidade inerente ao processo tradutório e ao próprio texto traduzido. Ao descrever o fenómeno da tradução, Holmes estabeleceu princípios gerais que o descrevem (*descriptive translation theory*), criando uma rede de relações que visava explicar os diferentes aspectos envolvidos na tradução, tal como podemos constatar no quadro concebido por Gideon Toury¹, justamente com o intuito de clarificar as ideias de Holmes, reproduzido em seguida:

¹ V. Munday 2001:12.



Como se verifica no esquema de Toury, Holmes procurou sistematizar os diferentes ramos que constituíam a nova área disciplinar – os Estudos de Tradução –, que, até ao momento, se encontravam caldeados, estabelecendo, simultaneamente, uma relação própria entre eles.

Embora Holmes seja considerado um dos fundadores dos Estudos de Tradução, a sua teoria não atendeu, por exemplo, à individualidade de estilo do tradutor, aos processos decorrentes de determinadas opções ou a certas práticas intervenientes no acto tradutório. Como qualquer teoria numa fase precoce, a de Holmes tem vindo a ser completada com as reflexões de outros teóricos como, por exemplo, os mencionados no início deste subcapítulo.

O grande contributo de Itamar Even-Zohar para os Estudos de Tradução consistiu na adaptação da teoria dos polissistemas (*polysystem theory*) ao estudo da literatura traduzida. Composto por um conjunto de sistemas que interagem, funcionando como um todo organizado, e cujos membros são interdependentes, um polissistema define-se como uma estrutura dinâmica, aberta e em constante mudança devido, em parte, à tensão existente entre sistemas centrais e periféricos. No seu texto, “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”, publicado pela primeira vez em 1978 (e, desde então, reproduzido amiúde em diferentes obras), Even-Zohar destacou a importância da literatura traduzida e o seu papel dentro de um determinado sistema literário. Os textos literários traduzidos constituíam, assim, um sistema interactivo dentro do polissistema da língua e da cultura de chegada cujo grau de influência podia depender do estatuto do texto de

partida. Assim, se este era oriundo de um sistema considerado periférico tendia a não influenciar nem os processos nem os modelos já estabelecidos no sistema de chegada. Se, pelo contrário, o texto de partida provinha de um sistema considerado central, a tradução propendia a influenciar mais o sistema de chegada.

Deste modo, a literatura traduzida pode favorecer a emergência de novos modelos literários, substituindo os mais antigos ou obsoletos e criando novas tendências. Este fenómeno tende a verificar-se nas seguintes circunstâncias: quando o sistema literário de chegada se encontra em processo afirmação, como, por exemplo, no caso de países ainda jovens; quando o sistema de chegada é considerado (por si próprio ou pelos outros) periférico ou fraco, como pode ser o caso de países económica e/ou politicamente mais frágeis; e, por último, quando existem momentos de viragem, crises ou vazios culturais no sistema de chegada. Assim, de acordo com a teoria de Evan-Zohar, a selecção de um texto como objecto de tradução é, em grande medida, determinada pelo sistema de chegada:

It is clear that the very principles of selecting the works to be translated are determined by the situation governing the (home) polysystem: the texts are chosen according to their compatibility with the new approaches and the supposedly innovatory role they may assume within the target literature² (1990:47).

Em consequência, para estes novos teóricos contemporâneos, o ponto de partida para a análise crítica das traduções passou a ser o texto de chegada. Esta perspectiva rasgou outros horizontes, entre os quais o facto de um sistema literário ser entendido como algo dinâmico e, portanto, em constante interacção com outros sistemas existentes quer na cultura de partida quer na de chegada:

“Translation is not just ‘a window opened on another world’, or some such pious platitude. Rather, translation is a channel opened, often not without a certain reluctance, through which foreign

² “É evidente que os princípios de selecção das obras a serem traduzidas são determinados pela estrutura do polissistema (de chegada): os textos são escolhidos pela sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel inovador que supostamente deve assumir na literatura de chegada” (tradução nossa).

influence can penetrate the native culture, challenge it and even contribute to subverting it”³ (Lefevere, 1992: 2).

Por seu turno, Gideon Toury, ao defender que as traduções são “factos da cultura alvo” (“facts of the culture which hosts them”) (1995:24), sublinhou não só a importância da tradução (e respectiva crítica) no sistema de chegada, mas também o papel do agente da tradução enquanto mediador, vectores que desenvolveremos mais adiante neste subcapítulo. Na verdade, a grande mais-valia do contributo de Toury no âmbito das novas perspectivas em Estudos de Tradução reside, porventura, no estabelecimento de “normas”, as quais constituíram um ponto de viragem na importância conferida ao tradutor. Toury distinguiu as “normas preliminares” (*preliminar norms*) das “normas operacionais” (*operational norms*).

As primeiras dizem respeito à “política de tradução” e à sua influência no objectivo da tradução. Assim, a *translation policy* alude aos factores que determinam a escolha de um texto para ser importado, através da tradução, para uma certa cultura/língua. O objectivo da tradução (*directness of translation*), regido, em certa medida, pela “política de tradução”, envolve questões como as seguintes: a possibilidade de realizar traduções não directamente do original; as características da época em que se produz a tradução; as línguas mediadoras; e, ainda, os aspectos preferidos, ignorados, tolerados ou proibidos no texto e na cultura de chegada. Neste âmbito, Toury levantou ainda outras questões, nomeadamente se devemos identificar, ignorar ou camuflar as diferentes formas de mediação, na análise crítica de um texto traduzido. A avaliação do grau de importância de uma língua mediadora constitui uma reflexão importante no contexto do presente estudo, uma vez que no capítulo 2 – “Uma Proposta de Tradução” – apresentamos uma tradução realizada do inglês para o português, mas com a interferência e, portanto, a mediação, da língua e da cultura espanholas.

As “normas operacionais”, por seu turno, orientam as decisões tomadas pelo tradutor ao longo da sua actividade, podendo ser subdivididas em *matricial norms* e *textual-linguistic norms*. As “matriciais” dizem respeito à forma e à estrutura do

³ A tradução não é apenas “uma janela aberta para um outro mundo”, ou qualquer banalidade piedosa. Antes pelo contrário, a tradução é um canal aberto, muitas vezes não sem certa relutância, pelo que as influências estrangeiras podem penetrar na cultura nativa, desafiá-la e até mesmo contribuir para subvertê-la” (tradução nossa).

texto, enquanto as “linguístico-textuais” determinam as selecções levadas a cabo pelo tradutor, no texto de chegada, do ponto de vista linguístico e textual. Ainda de acordo com a perspectiva de Gideon Toury, *adequacy* e *acceptability* são estratégias usadas pelo tradutor, o qual tem o poder de privilegiar a cultura de partida quando opta pela *adequacy* ou, pelo contrário, a de chegada quando escolhe uma estratégia de *acceptability*⁴. Daqui resultava um novo papel conferido ao tradutor, o qual, “manipulando”, de forma mais ou menos (in)consciente, o texto de partida em função da sua receptividade no sistema de chegada, cumpria, em certa medida, a sua função de intermediário cultural⁵.

Este novo estatuto do tradutor não só acentuava o seu papel de mediador entre culturas, mas também propunha um novo olhar sobre a tradução, entendida como uma ponte entre duas culturas. De facto, desde as últimas décadas do século XX que a figura do tradutor tem vindo a assumir uma relevância crescente no âmbito do processo criativo de um texto e na sua divulgação, em grande medida graças aos contributos dos autores e das teorias em apreço.

Susan Bassnett e André Lefevere, por exemplo, em *Translation, History and Culture* (1990) e em *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992) entenderam a actividade tradutória e, portanto, a tradução como uma forma de reescrita, a qual pode reflectir determinadas ligações com os sistemas literário, político e económico vigentes. Constituindo uma forma de manipulação discursiva, a tradução adquire, assim, corolários tanto positivos como negativos. De facto, ao manipular o texto de partida, o tradutor pode contribuir para o desenvolvimento do sistema cultural de chegada, introduzindo novos conceitos e promovendo a renovação do mesmo. Por outro lado, o tradutor tem também a capacidade de distorcer a mensagem, influenciando, assim, porventura de forma negativa, o sistema de chegada. Nesta medida, a análise crítica destes procedimentos poderá não só ajudar os tradutores a adquirirem uma maior consciência dos processos envolvidos no acto tradutório, mas também avaliar o grau de influência de uma tradução no sistema cultural de chegada⁶.

⁴ V. Toury, 1995:53-69

⁵ Cf., a propósito, Terenas 2009: http://dtl.unilat.org/XIseminariofct_ul/terenas.htm

⁶ V. Lefevere, 1992: ix; e Bassnett 1998: viii.

Lawrence Venuti, por seu turno, em *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (1998) e, em particular, na obra *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995), defendeu que o tradutor, durante a sua actividade, opta por uma de duas estratégias: a domesticação (*domestication*) ou o estranhamento (*foreignizing*). No primeiro caso, o objectivo principal seria a adequação do texto de partida ao sistema cultural de chegada, com o intuito de proporcionar uma certa identificação do receptor com a cultura de partida. A partir de um texto estrangeiro, uma tradução pode, de facto, criar representações “familiares” à cultura de chegada, compostas por determinados códigos e cânones correspondentes aos interesses e objectivos particulares de um grupo social. Todavia, uma domesticação excessiva poderá excluir certos valores, debates ou conflitos “não familiares” à cultura de chegada, fixando determinados estereótipos e estigmatizando outros sistemas culturais. Ao optar pela estratégia de estranhamento, o tradutor pretende, de um modo geral, manter as características distintivas do texto de partida, tendendo a tornar-se (pelo menos aparentemente) menos visível, e a usar a tradução como uma ferramenta ao serviço da preservação e da valorização das diferenças culturais.

Deste modo, as traduções podem ter impacte nos mais variados aspectos do sistema de chegada, alterando ou criando cânones literários, paradigmas, metodologias de investigação e de ensino, práticas comerciais ou estratégias políticas. De qualquer modo, há sempre que reconhecer ao tradutor o poder de manter, eliminar, conceber, estigmatizar ou divulgar identidades culturais, e à tradução a capacidade gerar respeito pela diferença cultural ou, pelo contrário, uma aversão baseada no etnocentrismo, no racismo ou num patriotismo exacerbado. As relações interculturais e os processos que as determinam dependem, assim, das opções do tradutor, o qual adquire um estatuto de relevo na construção e na transmissão de uma imagem do Outro⁷.

Tendo em conta estas considerações, podemos afirmar que a tradução constitui, em grande medida, um processo susceptível de estabelecer contactos interculturais e, portanto, tal intercâmbio seria impossível sem a actividade

⁷ V. Venuti 1998:67-87.

tradutória. De facto, muitos autores defenderam que língua e cultura são dois vectores fortemente interligados, em contínua mudança e cuja influência é mútua. Assim, a transferência linguística, ou seja, a tradução, constitui um processo através do qual uma cultura interage com outra. Trata-se, portanto, de uma actividade que envolve, pelo menos, duas línguas e dois sistemas culturais. Deste modo, ao detectar a presença de determinados elementos no texto de partida que possam eventualmente parecer estranhos no sistema cultural de chegada, o tradutor tem várias opções para tentar resolver esse problema, assumindo, assim, o seu estatuto de mediador. Em última análise, a existência de tal leque de opções significa que não há uma única estratégia para resolver um problema, mas várias.

Todavia, antes de nos debruçarmos mais especificamente sobre essa variedade de procedimentos, devemos começar pelo levantamento dos problemas de cariz linguístico e cultural geralmente suscitados por uma tradução e já, de algum modo, tipificados. Um deles decorre da existência de determinados conceitos na cultura de partida que ou não se encontram na de chegada ou para os quais não é possível encontrar um equivalente adequado, podendo, assim, provocar um vazio no texto de chegada. Estes “vazios” foram designados de diferentes formas por autores distintos. Assim, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet (1958) apelidaram-nos de *lacunes*; Rabin (1958) denominou-os *blank spaces*; Vladimir Ivir (1973 e 1977) chamou-lhes *gaps*; e Manachem Dagut (1978) *voids*⁸. Embora a ênfase seja colocada no aspecto referencial e não no comunicativo, todos os autores propõem estratégias diferentes para colmatar os vazios.

Em *In Other Words*, Mona Baker (1992:15-16) refere-se ao registo linguístico, atendendo ao intercâmbio comunicativo (formal ou informal), ao teor do discurso (a relação existente entre os participantes do acto comunicativo), à forma do discurso (poesia, romance, ensaio, manual instruções ou outro) e, ainda, ao meio de transmissão do discurso (falado ou escrito). Baker defende igualmente que a variação da língua atende a parâmetros geográficos e temporais, na medida em que uma mesma língua, falada em espaços geográficos ou em épocas diferentes, adquire especificidades linguístico-culturais e temporais distintas. As variações decorrem, assim, de faixas etárias, de períodos históricos e, até, de espaços sociais, sobretudo

⁸ V. Ivir 1998: 36- 48.

dado o uso diferenciado de estruturas linguísticas por parte de membros de diferentes classes sociais. Ao tentar encontrar uma solução para resolver as questões decorrentes das problemáticas enunciadas, o tradutor deve, de acordo com Baker, ter sobretudo em vista o receptor e o sistema cultural de chegada.

Por fim, a todas estas questões devemos acrescentar a problemática, já mencionada atrás, mais directamente relacionada com o contexto da tradução, de que constituem exemplo as especificidades culturais, políticas e económicas do(s) sistema(s), e/ou os destinatários da tradução, bem como o propósito da mesma, tal como Bassnett, Lefevere e Venuti referem.

Deste modo, os distintos tipos de tratamento conferidos aos vazios dependem das diferenças quer entre as realidades extra-linguísticas quer das especificidades lexicais. Na verdade, cada cultura tem a sua própria organização simbólica, bem como elementos não partilháveis por outras. Porém, uma cultura (ou uma língua) pode não ter consciência das suas especificidades até ser confrontada com a alteridade. Nestas circunstâncias, algumas das estratégias usadas devem ser objecto de uma análise cuidada e individualizada, pois as escolhas de um tradutor não poderão ser aleatórias e, nesta etapa (como em outras), o seu papel é crucial. De facto, cabe ao tradutor determinar se um dado elemento existe ou não na cultura de chegada e de fazer as suas opções de forma criteriosa, tendo sempre em conta o público-alvo.

O estatuto do tradutor, entendido como mediador cultural, permite-nos, em grande medida, estabelecer a relação desejada entre Bilinguismo e Estudos de Tradução. De facto, ao reequacionarem o estatuto do tradutor, valorizando a sua projecção no texto de chegada, o seu papel de intérprete e de mediador intercultural, os teóricos dos Estudos de Tradução, sensibilizaram-nos, a um tempo, para as especificidades do tradutor e para a sua tarefa. Aquele é um sujeito bilingue, que trabalha com dois sistemas, estabelecendo, de forma mais ou menos (in)consciente, relações entre as línguas e as culturas que intervêm no acto da tradução. Deste modo, o bilinguismo institui-se como um aspecto relevante não só na tarefa do tradutor, mas também na análise crítica da tradução.

De facto, devemos encarar o bilinguismo como um elemento indissociável da actividade tradutória, uma vez que o tradutor, com um domínio muito elevado das

diferentes línguas com as quais trabalha, pode ser considerado, até certo ponto, bilingue. Todavia, antes de nos debruçarmos sobre a problemática que nos ocupará, ou seja, em que medida o bilinguismo constitui (ou não) uma dificuldade acrescida para o trabalho do tradutor, sobretudo quando nenhuma das duas línguas em causa é a materna, afigura-se-nos crucial reflectir sobre o próprio termo bilinguismo. Embora o objectivo último do presente estudo não seja uma análise sobre diferentes tipos de bilinguismo, mas antes uma tentativa de avaliar em que medida o bilinguismo pode ser encarado como (mais) uma ferramenta útil ao acto tradutório, parece-nos importante identificar algumas das definições mais relevantes.

Nos últimos tempos, o vocábulo bilinguismo tem-se tornado cada vez mais abrangente e mais difícil de delimitar, uma vez que as continuas mudanças da sociedade exigem um maior conhecimento de línguas, sendo as interacções linguísticas muito mais frequentes.

Assim, por exemplo, William F. Mackey, no seu artigo “The Description of Bilingualism” publicado na colectânea *The Bilingualism Reader*, de Li Wei (2000), acolhendo as várias definições de bilinguismo propostas por diferentes autores, salientou a de Leonard Bloomfield, em *Language* (1933). Este último considerou bilinguismo a capacidade de dominar duas línguas como se fossem ambas línguas maternas. Ao dar o seu contributo para uma definição de bilinguismo, Jules Marouzeau, em *Lexique de la terminologie linguistique* (1951), sublinhou a capacidade de um sujeito (ou de uma comunidade) usar duas línguas sem qualquer predomínio de uma sobre a outra. Richard Diebold, em *Incipient Biligualism* (1961), encarou o bilinguismo como o mero conhecimento de uma outra língua, quer escrito quer oral, que permita ao sujeito interagir no respectivo sistema linguístico. Por seu turno, Bruce Kaya, no artigo “The Role of Bilingualism in Translation Activity” publicado em *Translation Journal* (vol. 11, nº1, 2007)⁹, considerou os conceitos introduzidos por Christopher Thiery, no texto *True Bilingualism and Second-Language Learning* (1978), essenciais para explicar a influência do bilinguismo na tradução. Entendendo por língua materna aquela que foi adquirida por “imersão” (*immersion*), ou seja, mediante uma reacção natural ao ambiente em redor que

⁹ V. <http://www.bokorlang.com/journal/39bilingual.htm>

permita estabelecer a comunicação, Thierry apresentou diferenças claras entre os termos “bilingue”, “bilingue perfeito” e “verdadeiro bilinguismo”:

bilingual: having, speaking, spoken or written in, two languages
perfect bilingual: the subject speaks both languages equally well; the subject has two mother languages. (...) true bilingualism: a true bilingual is someone who is taken to be one of them by the members of two linguistic communities, at roughly the same social and cultural level¹⁰ (1978: 145-153).

Esta diversidade, e até discrepância, de definições causa alguma dificuldade em identificar o momento em que um falante de uma segunda língua passa a ser considerado bilingue, tornando a própria tentativa de definição de bilinguismo, algo arbitrária ou, até, uma impossibilidade¹¹.

Da mesma forma que não existe apenas uma definição única e indiscutível de bilinguismo, também não há uma tabela única que nos permita definir e classificar os diferentes tipos de interferências linguísticas e/ou culturais susceptíveis de ocorrer tanto no acto tradutório como na análise crítica de uma tradução. Todavia, sendo um dos objectivos primordiais da presente dissertação a tentativa de identificar as dificuldades surgidas a um(a) tradutor(a) espanhol(a) ao realizar traduções do inglês para o português, parece-nos indispensável reflectir sobre um ou mais quadros que nos permitam estabelecer tipologias, enumerar essas interferências e identificá-las tanto no acto da tradução como na posterior análise das mesmas.

Passaremos, assim, a analisar algumas das teses defendidas por diferentes autores que propõem um conjunto de procedimentos e de estratégias a ter em conta para realizar, de forma coerente e responsável, o acto da tradução, e para resolver os problemas que um trabalho deste tipo necessariamente levanta.

Andrew Chesterman, em *Memes of Translation* (1997:88), simplifica as estratégias de tradução explicando-as enquanto métodos usados pelo tradutor

¹⁰ “bilingue: pessoa que tem, fala, escreve e compreende em duas línguas; bilingue perfeito: sujeito que fala igualmente bem ambas as línguas; sujeito que tem duas línguas maternas; (...) verdadeiro bilinguismo: uma pessoa verdadeiramente bilingue é alguém que é considerado como pertencente a duas comunidades linguísticas, e como sendo do mesmo nível social e cultural, por pessoas oriundas dessas duas comunidades” (tradução nossa).

¹¹ Cf. Mackey 2000: 22:51.

sobretudo para chegar ao que considera ser uma “boa tradução” e não apenas para lograr a “equivalência”.

Por sua vez, Wolfgang Lörscher, no artigo “The Translation Process: Methods and Problems of Its Investigation”, publicado na revista *Meta: Translators' Journal* (vol. 50, n° 2, 2005: 597-608)¹², à semelhança, em certa medida, de Chesterman, define as estratégias de tradução como procedimentos para resolver os problemas surgidos durante a actividade tradutória. Todavia, Lörscher divide as estratégias de tradução em três tipos de estruturas: as básicas (*basic structures*), as estruturas expandidas (*expanded structures*) e as estruturas complexas (*complex structures*). Nas primeiras, a estratégia usada para resolver o problema de tradução é apenas uma. Nas segundas – estruturas expandidas – são aplicadas estratégias mistas, articuladas umas com as outras. Nas terceiras – *complex structures* –, as estratégias são formadas por um conjunto que inclui as utilizadas em estruturas básicas e em estruturas expandidas. Esta divisão tripartida visa simplificar as estratégias de tradução, as quais, por vezes, podem ser bastante complexas e difíceis de explicar.

Lörscher estabelece ainda dois processos de tradução: o estrutural (*structural hierarchy*) e o funcional (*functional hierarchy*). No primeiro, alude à existência de determinados elementos no texto que mantêm, entre si, uma relação de superioridade ou de subordinação, sendo, assim, reveladores do modo como certas estratégias são usadas em detrimento de outras. O processo funcional, por seu turno, centra-se na adequação da tradução às normas do discurso da língua de chegada, não se limitando à transmissão do sentido e/ou à função do texto.

No seu artigo “Type, Kind and Individuality of Text. Decision Making in Translation” (1981), publicado na já referida colectânea organizada por Lawrence Venuti (2000:160-171), Katharina Reiss apresenta uma interessante proposta metodológica, relativa ao acto da tradução, que vai desde a fase de análise (*phase of analysis*) à de re-verbalização (*phase of reverbalization*).

Assim, na primeira fase, o tradutor leva a cabo uma leitura preliminar do texto de partida com o intuito de obter uma impressão do mesmo, do ponto de vista linguístico, e de tentar encontrar o equivalente funcional no texto de chegada. Esta

¹² V. <http://id.erudit.org/iderudit/011003ar>

fase da análise (*phase of analysis*) é, por seu turno, constituída por três momentos. Assim, num momento inicial, o tradutor identifica o tipo de texto com que irá trabalhar, que pode ser do tipo informativo (*informative type*), expressivo (*expressive type*) ou operativo (*operative type*). Neste âmbito, o tradutor pode também encontrar textos mistos (*mixed forms*) e tipos adicionais de textos (*additional types*). Os mistos são assim definidos por conterem características dos dois tipos anteriores, enquanto os *additional types* encontram-se condicionados pelas funções da linguagem, nomeadamente a função fáctica (*phatic function*) e a poética (*poetic function*), ambas decorrentes do contexto de partida. Reiss considera, ainda, a existência de uma hiper-categoria, independente das supramencionadas. Trata-se do texto multimédia (*the multi-medial text type*), que sofre a passagem da mensagem escrita para a mensagem oral. Num segundo momento desta *phase of analysis* identifica-se a variedade linguística do texto (*text variety*), devendo o tradutor classificá-lo de acordo com os padrões socioculturais estabelecidos. Deve, no entanto, ter em consideração que estes padrões, por vezes, não são transversais e, portanto, a sua escolha não pode colocar em perigo a equivalência funcional do texto no sistema cultural de chegada. Finalmente, num terceiro momento da mesma fase, o tradutor deve analisar o estilo do texto, tarefa que, segundo Reiss, engloba a selecção dos signos linguísticos usados para realizar funções comunicativas específicas e, conseqüentemente, a observação da forma como o texto foi construído. Neste terceiro momento, Reiss defende a seguinte tese: “o tipo de texto determina o método geral de tradução, e a variedade do texto exige considerações para as convenções de estruturas linguísticas e de texto”, dando lugar a diferentes métodos de tradução (166).

Em consequência desta metodologia deparamo-nos com três tipos de tradução: a tradução realizada consoante o sentido e o significado (*translation according to the sense and meaning*), cujo objectivo seria, acima de tudo, manter o conteúdo do texto; a tradução por identificação (*translating by identification*), usada sobretudo em textos com conteúdos artísticos, em que o tradutor pretende transmitir a intenção criativa do autor, mantendo a qualidade artística do original; e, por último, a tradução adaptativa (*adaptive translating*) em que o tradutor adapta os mecanismos psicológicos da linguagem persuasiva às necessidades do sistema cultural de chegada.

A segunda fase enunciada atrás, de re-verbalização (*phase of reverbalization*), define-se como “a construção” do texto de chegada, em que o tradutor toma um conjunto de decisões baseadas numa análise cuidada dos aspectos linguísticos do texto, isto é, a semântica, a sintaxe e a pragmática, com vista a obter a “equivalência funcional”.

Embora a metodologia proposta por Katherina Reiss sistematize, de forma clara, os vários momentos e fases inerentes ao acto tradutório, não especifica, a nosso ver, as estratégias a adoptar no acto da tradução, pois a sua tese não pormenoriza as opções disponíveis para o tradutor no processo da tomada de decisões.

Vladimir Ivir, em “Procedures and Strategies for the Translation of Culture”, artigo publicado na obra *Translating Across Cultures* (1998), coordenada por Gideon Toury, destacou a importância do tradutor no processo de mediação entre as culturas. Na sua opinião, o tradutor torna-se absolutamente relevante no processo de tradução, assumindo, portanto, o seu estatuto de mediador cultural, devido sobretudo às suas características individuais específicas:

Translation is a way of establishing contacts between cultures. One might even claim that cultural contact as such presupposes translation and that the exchange of goods of material and spiritual culture is not possible without translation. The reason for this is the fact that language and culture are inextricably interwoven (...) the translator relies on different procedures that enable him to convey to members of the target culture the content of that particular element¹³ (1998:36-37).

Ora, é justamente neste ponto que, a nosso ver, a ligação entre Cultura e Linguagem, no âmbito da tradução, se encontra directamente relacionada com a característica bilingue do tradutor. O facto de o tradutor constituir a figura mediadora entre as culturas (considerando aqui o sistema cultural de partida, o de chegada e aquele a que o tradutor pertence, no caso, o sistema espanhol), torna necessária a

¹³ “A tradução é um meio de estabelecer contacto entre culturas. Podemos até assegurar que o contacto cultural, realizado mediante o intercâmbio de bens materiais e espirituais, não seria possível sem a tradução. A explicação para isto reside no facto de a linguagem e a cultura estarem intrinsecamente ligadas. (...) o tradutor faz uso de diferentes procedimentos que lhe permitem transmitir o conteúdo desse elemento em particular aos membros da cultura alvo” (tradução nossa).

ligação entre os Estudos de Tradução e as Teorias do Bilinguismo. Em consequência, optámos por seguir o modelo sugerido por Vladimir Ivir¹⁴ para a nossa proposta de tradução apresentada no capítulo 2 da presente dissertação. Assim, o subcapítulo seguinte será dedicado à análise desses procedimentos e estratégias.

1.2. Estratégias de uma Tradutora Bilingue

Assumindo o nosso estatuto de tradutora bilingue, passaremos à análise das propostas de Vladimir Ivir, as quais procurámos seguir na tradução, do inglês para o português, de um dos contos de Lucy Clifford, tradução essa que será apresentada no segundo capítulo da presente dissertação.

Antes de mais, devemos fazer referência, neste caso em particular em que intervêm três línguas no processo tradutório, a autores como Noam Chomsky, em *Lectures on Government and Binding* (1981), e Luigi Rizzi, em *Comparative Syntax and Language Acquisition* (2000), que propõem uma Teoria de Princípios e Parâmetros (*Principles and Parameters Theory*), a qual regula os estudos comparativos sobre os sistemas gramaticais de falantes de diferentes línguas e concebe a organização da gramática em componentes autónomos. O conhecimento de uma língua particular é para aqueles autores uma estrutura modular composta pelo léxico e pelos princípios e parâmetros universais. O léxico apresenta-se como a principal fonte de variação linguística, em virtude das suas propriedades idiossincráticas: fonológicas, semânticas e sintáticas; os princípios caracterizam-se pela sua rigidez e invariabilidade em qualquer gramática; e, por último, os parâmetros formam um conjunto de princípios abertos que permite que os sistemas gramaticais escolham um de dois valores. Assim, por exemplo, o “Parâmetro do Sujeito Nulo” constitui um parâmetro de referência para o presente trabalho, pois o português e o espanhol fixaram o valor positivo do parâmetro, ao contrário do inglês que fixou o valor negativo. Esta característica comum ao português e ao espanhol revela-se, em particular, na possibilidade de se omitir o sujeito pronominal ou de se

¹⁴ Cf. Toury 1998: 36-42.

colocar o sujeito à direita do verbo principal, o que não é possível no inglês, que tem de ter a posição do sujeito preenchida fonética ou graficamente. Os casos citados em seguida constituem exemplos elucidativos¹⁵:

- _ já chegaram à escola.
- Eles já chegaram à escola.
- _ ya han llegado a la escuela¹⁶.
- Ellos ya han llegado a la escuela.
- _ already arrived from school. (gramaticalmente incorrecto em inglês, pelo que deve ler-se: They already arrived from school.)¹⁷

Devemos também referir que aquelas três línguas se caracterizam por ter uma organização diferente dos pronomes complementos de verbos que realizam o objecto directo e o objecto indirecto. Estes são em português e em espanhol pronomes clíticos com sintaxes distintas, enquanto em inglês ocupam as posições sintáticas de complementos dos verbos, permanecendo à direita destes. No caso do português existem três posições para os pronomes clíticos: a próclise¹⁸, a ênclise¹⁹ e a mesóclise²⁰, sendo que, nas frases finitas a próclise resulta da existência de palavras proclisadoras, como é, por exemplo, a partícula de negação²¹. Em espanhol, existem duas posições para os mesmos pronomes, a próclise e a ênclise, contudo, a próclise nas frases finitas é a posição típica dos clíticos, não sendo necessária a existência de proclisadores nas frases. Em inglês, os pronomes que funcionam como complementos de verbos não são clíticos sintáticos, podendo apenas ser realizados em ênclise²², como resultado de um processo morfofonológico.

Estas características que diferenciam as línguas com as quais iremos trabalhar revelar-se-ão de suma importância para o nosso trabalho de tradução, a desenvolver no capítulo 2.

¹⁵ Deve notar-se que o travessão indica a posição do sujeito.

¹⁶ Exemplo da nossa autoria.

¹⁷ Cf. Raposo 2000: 56.

¹⁸ O pronome clítico precede o verbo (se vendem).

¹⁹ O pronome clítico segue-se ao verbo (vendem-se).

²⁰ O pronome clítico ocorre no interior da forma verbal de futuro ou de condicional (vender-se-iam).

²¹ Exemplo: As casas não se vendem.

²² Cf. Mateus, 2006: 826-867.

Entre as estratégias ou procedimentos sugeridos por Ivir devem referir-se os seguintes: tradução literal (*literal translation*), empréstimo (*borrowing*), definição (*definition*), substituição (*substitution*), criação lexical (*lexical creation*), omissão (*omission*) e adição (*addition*). Deve notar-se que, ao longo da explicação dos diferentes procedimentos apresentados por Ivir, utilizaremos o termo “vazio” no âmbito da problemática linguístico-cultural com que o tradutor se depara, durante a sua tarefa, e cuja resolução depende do uso das estratégias propostas.

Uma das estratégias mais comuns entre os tradutores, a tradução literal (*literal translation*), nem sempre alcança resultados satisfatórios. As suas principais características residem na manutenção das formas da língua de partida e, portanto, nas alegadas qualidades de fidelidade e transparência face ao texto de partida. Os melhores candidatos para a tradução literal são os vocábulos que, transmitindo a realidade extra-linguística, são facilmente copiados e integrados na cultura de chegada. Todavia, no caso das traduções literárias, por exemplo, a opção pelo literalismo pode causar grandes equívocos, sobretudo quando os termos, embora equivalentes, possuam significados diversos ou os respectivos estatutos difiram de uma cultura para a outra.

Através do empréstimo (*borrowing*), o tradutor assegura uma transmissão mais precisa da informação cultural, proporcionando, ao mesmo tempo, o conhecimento da realidade extra-linguística, mantendo a palavra ou expressão do texto de partida no de chegada. Esta estratégia permite ao tradutor enquadrar um texto num contexto cultural específico, levando o leitor a ultrapassar qualquer barreira de cariz linguístico, já que partilha o mesmo código cultural. A sua grande vantagem reside no facto de, uma vez introduzido o termo na cultura de chegada, mediante o empréstimo, aquele passar a ser adoptado em todos os contextos e situações em que seja usado na cultura de partida. Quando se trata de expressões curtas e simples ou, ainda, quando a língua e a cultura de chegada se encontram, de algum modo, abertas a influências estrangeiras, o empréstimo torna-se uma opção muito conveniente para o tradutor. Conjugado com outros procedimentos, o empréstimo ajuda-o também a transmitir o sentido de forma bastante adequada.

A definição (*definition*) consiste em aproximar o desconhecido do conhecido usando expressões e conceitos existentes na língua de chegada. Por exemplo, dois

sistemas culturais têm geralmente leis diferentes, circunstância que, do ponto de vista da tradução, pode representar um vazio, o qual poderá ser preenchido mediante o uso de determinados conceitos próprios da cultura de chegada. A definição pode ser mais ou menos exaustiva, traduzindo-se, assim, numa maior ou menor efectividade na transmissão da informação cultural necessária. Contudo, o uso desta estratégia deverá ter em conta que não existe uma definição susceptível de conferir toda a informação requerida, pelo que este procedimento deverá confinar-se ao vazio específico de um determinado texto. Dada a sua “lentidão”, ou seja, a quantidade de informação facultada para a transmissão cultural, a definição é vulgarmente usada como um procedimento complementar, conjugado com o empréstimo, ou no próprio texto ou em nota do tradutor. Por um lado, este procedimento pode sobrecarregar o texto, desviando a atenção do leitor da mensagem principal. Por outro, a sua grande vantagem reside num maior rigor na transmissão de dados de cariz cultural.

Quando não se verifica nem uma total ausência nem uma presença clara de um elemento cultural, o vazio caracteriza-se por se tratar de uma sobreposição do elemento cultural e não propriamente por uma ausência do mesmo. Estes casos podem ser resolvidos mediante a substituição (*substitution*), um processo que, através da utilização de termos não idênticos, elimina, todavia, a eventual estranheza linguística e cultural que aqueles possam causar no contexto de chegada. A substituição torna-se possível quando o factor cultural consiste em informação adicional, não constituindo, portanto, a base da mensagem. Neste caso, o empréstimo (por defeito) e a definição (por excesso) seriam inadequados, pelo que a substituição se apresenta como uma possibilidade viável e eficaz.

Um outro recurso é a criação lexical (*lexical creation*), isto é, um neologismo que seja mais transparente do que um empréstimo, embora também mais susceptível de criar mal-entendidos, sobretudo devido ao facto de se tratar de um vocábulo que não foi criado “de forma natural” pelos falantes da língua de chegada. Este procedimento não é muito recorrente, pois o tradutor raramente tem a certeza de que o novo termo terá um bom acolhimento por parte do público-alvo. Deste modo, a criação lexical constitui geralmente um último recurso, para preencher um vazio, quando as outras possibilidades já demonstraram ser inoperativas. A criação lexical – as novas *collocations* – encontra-se sujeita às regras da língua de chegada,

nomeadamente no respeitante a formação de palavras mediante adaptações fonéticas e ortográficas.

Quando um determinado elemento ou uma dada situação comunicativa (não uma palavra) requerem uma explicação demasiado complexa, o tradutor pode simplesmente optar pela omissão (*omission*). Esta opção é feita mais por necessidade comunicativa do que por desejo de transmissão do elemento cultural. A vantagem deste procedimento reside numa eventual simplificação do texto e na consequente fluidez na transmissão da informação. Contudo, a omissão pode negligenciar aspectos importantes do texto de partida, quer de índole linguística, quer de índole cultural.

A adição (*addition*) pode ser útil quando o tradutor sente necessidade de introduzir no texto de chegada elementos que apenas surgem de forma implícita no de partida como, por exemplo, informação cultural (explícita) sobre um conceito que não pode ser considerado propriamente um vazio. A este propósito, o próprio Vladimir Ivir apresenta um caso paradigmático. Assim, quando num texto de partida pode ler-se “ (...) where a group of friends drank black velvets – Guinness with champagne” torna-se necessário explicar, no texto de chegada, o significado de “drank black velvets”, adicionando algo como “trata-se de um cocktail de cerveja com champanhe” (46).

De um modo geral, no respeitante às estratégias definidas por Ivir, parece-nos importante ter em consideração três aspectos. Em primeiro lugar, nem todas as estratégias propostas servem para preencher um vazio, mas antes para obter um equivalente comunicativo, como são os casos da substituição e da omissão, procedimentos que não acrescentam qualquer informação inexistente na cultura de chegada. Depois, a conjugação de procedimentos torna-se frequentemente necessária para otimizar a mediação entre culturas. Por último, consideramos não existirem decisões definitivas e únicas, podendo um tradutor adoptar estratégias diferentes para situações idênticas, mais do que um procedimento para um único caso ou rever as suas opções e alterá-las numa segunda versão do mesmo texto.

Antes de dar início à sua actividade, o(a) tradutor(a) não tem que fazer qualquer escolha prévia relativamente a uma determinada opção, mas deverá, antes, manter uma total abertura face a uma conjugação dos vários procedimentos

existentes ao seu dispor. Convém, ainda, notar-se que as estratégias propostas por Ivir e explicitadas neste subcapítulo serão posteriormente usadas não só como ferramentas para a actividade tradutória, mas também para a análise crítica da nossa proposta de tradução e da primeira revisão da mesma. As interferências culturais e linguísticas decorrentes especificamente do facto de a tradutora ser bilingue serão objecto de estudo no subcapítulo seguinte.

1.3. Interferências Linguísticas e Culturais

Várias são as interferências linguísticas e culturais que podem ocorrer quando uma tradução é realizada por um(a) tradutor(a) bilingue. Os tipos de interferências não dependem apenas da situação e do registo linguístico dos participantes no momento da interacção comunicativa, mas também apresentam variações entre diferentes tradutores bilingues, pois cada língua tem a sua relevância em cada momento ou acto de comunicação. Deve, portanto, recordar-se, antes de mais, que, no caso vertente, iremos analisar as interferências linguísticas e culturais decorrentes de um acto tradutório realizado por uma tradutora cuja língua materna é o espanhol e que traduz do inglês para o português.

De um modo geral, podemos afirmar que as interferências culturais decorrem sobretudo de tentativas para explicar fenómenos ou experiências partilhadas no sistema de partida, mas que não existem no de chegada.

No respeitante às interferências linguísticas, em muitos casos torna-se bastante difícil distingui-las de modo a poder agrupá-las em categorias ou tipos, pois várias interferências podem ocorrer em simultâneo, tanto no momento da produção como no da recepção. No entanto, por uma questão metodológica e para efeitos de análise, adoptaremos a tipologia proposta por Uriel Weinreich, em *Languages in Contact* (1953), que assenta a sua investigação em torno das interferências nos seguintes domínios linguísticos: fonética, gramática, e léxico.

As interferências de carácter fonológico e fonético afectam sobretudo a prosódia que faz referência ao ritmo, à entoação, à concatenação, à acentuação, à silabação e à articulação das palavras. Para uma análise mais pormenorizada,

apresentam-se, de forma esquemática, as interferências fonéticas supramencionadas divididas por categorias:

- Dificuldade na discriminação auditiva: dois sons que na língua de partida se distinguem porque são fonemas, mas que na língua de chegada não têm diferenciação porque não correspondem a fonemas.
- Duplicação de sons: distinção de sons tanto na língua de partida como na de chegada, embora não seja requerido nesta última.
- Reinterpretação das diferenças de sons: ocorre quando são interpretados sons na língua de chegada que podem ser concomitantes ou redundantes, mas que são relevantes na língua de partida.
- Substituição fonética: quando dois sons são definidos da mesma forma, mas têm pronúncias diferentes.

A interferência fonética afecta a leitura do próprio texto no acto da tradução quer no texto de partida quer no de chegada. Esta interferência, que intuímos condicionada pela língua materna da tradutora, poderá também condicionar a interpretação ou mesmo a produção do som.

Em relação às interferências de carácter gramatical, devemos desde já referir que não existe unanimidade, por parte dos estudiosos, acerca da sua relevância e influência num processo de transferência linguística. A este propósito, Antoine Meillet, em *Linguistique historique et linguistique générale* (1921), considera que “the gramatical systems of two languages (...) are impenetrable to each other”²³ (1:82). Em *Language: An Introduction to the Study of Speech* (1921), Edward Sapir, na mesma senda, afirma que “nowhere do we find any but superficial morphological interinfluencings”²⁴ (217). Outros autores, por seu turno, defendem exactamente o oposto. Assim, por exemplo, Hugo Schuchardt, em *Hugo Schuchardt-Brevier* (1928) considera que “even closely knit structures, like inflectional endings, are not secure

²³ “Os sistemas gramaticais de duas línguas (...) são impenetráveis” (tradução nossa).

²⁴ “Podemos apenas encontrar interferências morfológicas superficiais” (tradução nossa).

against invasion by foreign material”²⁵ (195)²⁶. Esta disparidade de opiniões leva-nos a deduzir que, não havendo um consenso a esse respeito, a tarefa de classificação das interferências referidas no âmbito gramatical torna-se difícil de delimitar.

De entre as interferências gramaticais devemos destacar, sobretudo, os morfemas e as relações entre as unidades gramaticais. O grupo de morfemas de cada língua inclui os morfemas livres, que constituem as palavras monomorfêmicas, e os presos ou afixos, que se acrescentam ao radical. Deste subgrupo de morfemas fazem parte os sufixos flexionais, nominais, adjectivais e verbais, os quais têm a função de identificar a classe de palavra, o género, o número, a pessoa, o grau dos adjetivos, assim como o tempo e o modo verbais. No âmbito das relações entre as unidades gramaticais, devemos ter em conta a ordem dos constituintes e as relações de dependência e de concordância entre categorias.

Assim, no respeitante às interferências gramaticais, deve ser obviamente considerada a possibilidade de o agente bilingue sentir necessidade de expressar ideias de forma mais eficaz no formato ou na sequência gramatical de uma língua do que de outra.

As interferências lexicais dizem respeito ao tipo de palavras que surgem com maior ou menor frequência numa língua como, por exemplo, o uso dos advérbios de modo (com frequência/frequentemente). As interferências lexicais são mais frequentes do que as gramaticais ou fonéticas, sobretudo devido aos empréstimos, os quais são, por vezes, usados com o intuito de evitar incompreensões de origem homofónica. Para o sujeito bilingue, os empréstimos lexicais surgem como solução quando aquele sente que a palavra usada como empréstimo corresponde de forma mais completa ao significado, devido às associações simbólicas na transmissão de valores sociais da língua de partida (sentido figurado, sentido pejorativo, sentido humorístico, entre outros).

U. Weinreich estipula interferências entre as palavras simples e as palavras compostas ou frases. No caso das simples, a interferência mais comum consiste na transferência da palavra na sequência fonética, como acontece com a maior parte das interjeições. Quando ambas as línguas partilham semantemas, a interferência consiste

²⁵ “Mesmo as estruturas mais superficiais, como as desinências, não estão livres de ficarem influenciadas pela segunda língua” (tradução nossa).

²⁶ Cf. Weinreich, 1953:29.

em identificá-los e ajustá-los da forma mais coerente possível, dando lugar ao fenómeno chamado *semantic loan*²⁷. Por último, existe um outro tipo de interferência, em que se altera um cognato de uma língua em contacto, como é o exemplo de *Europa*, em espanhol, que na zona de Tampa (Florida) é transformado em *Uropa*. No caso das palavras compostas ou frases, as interferências podem ser identificadas como uma “tradução literal” do elemento ou como um “equivalente” na língua de chegada, formado por palavras compostas, frases, ou mesmo ditados. Neste caso estão presentes os próprios empréstimos, adaptações fonéticas, morfológicas e criações.

Finalmente, consideramos interferências semânticas, os casos em que havendo dois termos iguais, mesmo partilhando um dos significados, numa das línguas têm também outros significados ou existem outros vocábulos mais adequados para o conceito.

A frequência ou ordem com que estas interferências se verificam decorre, em grande medida, da experiência do sujeito bilingue.

Partindo destes pressupostos e reflexões de cariz teórico, passaremos, no capítulo seguinte da presente dissertação, à tradução do conto, a qual tem por base a nossa experiência de tradutora cuja língua materna é o espanhol, mas que traduz do inglês para o português.

²⁷ Trata-se, segundo Weinreich, do processo pelo qual se produz um empréstimo de significado de uma língua para uma outra (1953:48).

2. UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO

La palabra no es una etimología sino un puro milagro
(Gómez de la Serna)²⁸

Assumindo o nosso estatuto de “tradutora bilingue”, propomo-nos, no presente capítulo, traduzir, do inglês para o português, um conto incluído na colectânea *Very Short Stories & Verses for Children* (1886) de Lucy Clifford (1846-1929). Trata-se de uma autora britânica de literatura infantil, de enorme sucesso na sua época, que viveu rodeada de grandes figuras das letras, mas que foi caindo no esquecimento. Para além da escrita para crianças, Clifford também foi autora de peças de teatro e ainda de uma grande colecção de cartas decorrente da correspondência mantida com escritores de renome como, por exemplo, Henry James. O seu texto porventura mais conhecido é o conto “Wooden Tony”, inserido no volume *Anyhow Stories* (1882).

Very Short Stories & Verses for Children inclui contos, histórias, poemas e canções. Como já referimos na introdução, a justificação para a escolha desta colectânea reside no facto de, até ao momento, a obra de Lucy Clifford nunca ter sido traduzida para português. Deste modo, nem a tradução, nem a subsequente análise da mesma terão qualquer possibilidade de sofrer eventuais contágios de outras traduções ou recensões críticas sobre as mesmas. De entre o vasto leque de opções oferecido pela colectânea em apreço, a nossa preferência recaiu no conto intitulado “Master Willy” sobretudo devido ao facto de a sua dimensão permitir obter uma amostra significativa e, portanto, susceptível de uma análise suficientemente conclusiva. A extensão e a natureza do texto permitem-nos centrar o enfoque nas interferências culturais e linguísticas de uma terceira língua, o espanhol, língua materna da tradutora.

Apresentamos, assim, neste capítulo, as quatro versões que constituem as diferentes etapas do trabalho. A primeira tradução (patenteada no subcapítulo 2.1.)

²⁸ V. Umbral, 1983:17.

corresponde a uma fase do processo correspondente, em certa medida, às propostas metodológicas de Katharina Reiss (*phase of analysis* e *phase of reverbilization*), tal como as expusemos no ponto 1.2. da presente dissertação²⁹. Nesta fase, a tradutora levou a cabo uma análise do texto de partida com o intuito de obter uma impressão inicial do mesmo, do ponto de vista linguístico, e de tentar encontrar o equivalente funcional no texto de chegada. Passou seguidamente à “construção” do texto de chegada, tomando uma série de decisões que lhe permitissem obter a “equivalência funcional” desejada, tendo todavia já em conta as propostas de Vladimir Ivir.

Numa segunda etapa, correspondente à alínea 2.2. (“A Tradução Revista pela Própria Tradutora”), a tradutora analisou exaustivamente a sua tradução, confrontando-se, ela própria, com as interferências linguísticas e culturais existentes no texto de chegada. Nesta fase, a fundamentação teórica de base continuou a ser a de Vladimir Ivir. O resultado deste trabalho foi, por seu turno, submetido a uma (segunda) revisão realizada por outra pessoa, sem acesso ao texto de partida, e cuja língua materna é o português. Esta versão corresponde ao subcapítulo 2.3. (“A Tradução Revista por uma Pessoa Nativa Portuguesa”). A tradução por nós considerada definitiva surge no ponto 2.4. (“Versão Final”).

Como já referimos, em todo este processo seguimos de perto as propostas de Vladimir Ivir, as quais serão também usadas no capítulo 3 para o levantamento das interferências supramencionadas. Deve notar-se que este procedimento decorre ainda do facto de a própria tradutora, durante o seu trabalho, se ter dado conta das interferências linguísticas e culturais espanholas, identificando as situações com que se confrontou. Por outro lado, a tipologia iviriana permitiu, de igual modo, avaliar a importância da existência uma terceira pessoa na identificação das “estranhezas” causadas pela primeira tradução, permitindo a sua posterior classificação enquanto interferências e, ainda, a elaboração da tabela apresentada na alínea 2.5. (“Quadro Comparativo do Processo de Tradução”).

²⁹ *Supra* pp. 17-22 do presente trabalho.

2.1. A Primeira Tradução

O PEQUENO ZÉ

Era uma vez um pequeno miúdo chamado Zé. Nunca soube o seu último nome, e como ele vivia longe, perto da montanha, não lhe podíamos perguntar. O Zé tinha o cabelo claro e os olhos azúis, e transmitia qualquer coisa, quando olhavas para ele, fazia-te sentir feliz e tranquilo, e pensar naquelas coisas que adiamos para quando nos sentimos com juízo e com forças. Vivia sozinho com a sua tia, que era muito alta, numa grande casa no final da vila. Ela era muito rica. Cada manhã ele descia a rua com o seu pequeno bode por baixo do seu braço, e os habitantes da vila olhavam para ele e diziam: – Ali vai o Pequeno Zé!

A sua alta tia tinha um longo pescoço; no final do pescoço estava a sua cabeça, no topo da sua cabeça levava um chapéu branco. O Zé costumava olhar para ela e pensar que o chapéu era como a neve no topo da montanha. Ela gostava muito do Zé, mas ela já tinha vivido muitos anos e pensava muito naqueles anos, até tinha esquecido todas as brincadeiras que costumava conhecer, todas as histórias que a contaram quando era pequena, e quando o Zé a perguntava ela dizia: – Não querido, não consigo me lembrar; vai para a floresta a brincar. Por vezes, ela assegurava a sua cara com as suas mãos e olhava para ele, mas o Zé tinha quase a certeza que não estava a pensar nele, mas sim em uma outra pessoa que ele não conhecia, e finalmente beijava-o, saindo rapidamente e a dizer: – Querido, vai à floresta, não é bom para ti ficares com uma velha como eu! Ele, como sabia que a sua tia queria estar sozinha, pegava no seu bode e desaparecia.

O Zé tinha uma pequena irmã, ela era uma doçura, chamava-se Carolina, mas qualquer coisa estranha aconteceu-lhe. Um dia, feriu a sua enorme boneca que falava e caminhava, e as consequências foram terríveis. Pouco tempo depois a boneca mostrou o seu lado malvado, pestaneou, falou muito rápido, fixou o rosto e asseguro na mão da Carolina e disse: – Já não sou a tua boneca, mas agora tu és a minha

pequena menina! E levou-a. Ninguém sabe dizer para onde, e ninguém conseguiu segui-las. A única coisa que o Zé e a sua alta tia sabiam era que agora a Carolina era a menina da boneca em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos são.

Depois da Carolina ir embora, ao Zé só lhe restava o seu bode com quem brincar, era uma pequena coisa sem hastes, sem cauda e quase sem pelo, mas continuava a mimá-lo muito, pô-lo, cada manhã, por baixo do seu braço enquanto ia pela rua.

– É só um pedaço de madeira pintada e cabelo, Pequeno Zé, disse um dia a esposa do ferreiro – Por que é que o mima assim tanto? Nem se quer está vivo!

– Mas se estivesse vivo, ninguém o poderia amar.

– Foi feito com mãos cheias de vida, disse a senhora Santos. Pergunto-me de quem seriam as mãos desconhecidas... toma conta dele, pelo seu bem, Pequeno Zé!

– Sim senhora, assim o farei, respondeu ele amavelmente, e continuou o seu caminho, a pensar naquelas mãos, perguntando-se que outras coisas teriam feito desde aquele pequeno bode. O Zé ficava o dia todo na floresta a ajudar aos miúdos a apanhar nozes e amoras. Na parte da tarde os via ir para casa com os aventais cheios, observava desde a distancia como seguiam o seu caminho a cantar. Se o Zé tivesse pais, irmãos ou irmãs para quem ele pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito não ficaria. As vezes, o Zé dizia aos miúdos o feliz que seria a viver numa cabana com a porta aberta o dia todo, com a doce brisa a soprar, e os galos e galinhas a pavonearem-se lá fora, e os porcos a grunhir nas suas pocilgas no final do jardim, a ver a sua mãe a limpar e lavar e a saber que o pai está a trabalhar nos campos, e ele a brincar, sair, ajudar, e ser abraçado e beijado, ele explicava isto como se tivesse acabado de acontecer. Depois eles perguntavam-se como poderia ser assim e diziam: - Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, e a grande casa para viver, e o grande carruagem para conduzir, e nós somos pobres, e por vezes temos muito pouco que comer ou beber, e a mãe diz quão bom seria ser tu.

– Mas a comida que comes é doce porque tens muita fome, respondeu o Zé, - E ninguém fica triste na vossa casa. Quanto ao grande carruagem, é melhor ter um carruagem se tiveres um coração pesado, mas se for leve podem correr rapidamente com as vossas pernas.” Coitado do Zé, sentia-se muito sozinho, embora a sua alta tia o amasse com todo o coração. Nos dias quentes fazia boas sextas com a sua cabeça a descansar nos ombros grandes e finos da sua tia, rodeado pelos seus braços.

Uma tarde, com o seu bode como era costume, sentou-se à beira do lago. Os miúdos todos tinham ido para casa, estava sozinho, mas gostava de olhar para o lago e pensar. Havia coisas muito esquisitas no mundo, era como se nunca tivesse pensado nelas, mesmo que vivesse cem anos.

Colocou os cotovelos nos seus joelhos e sentou-se à beira do lago. As árvores estavam a sussurrar por trás dele, os coelhos a entrarem e a saírem das tocas que tinham feito; ao longe podia ouvir o gorjear da andorinha, viu também a dedaleira morta, o feto arbóreo passou a ser castanho, as folhas do pinheiro estavam no chão. Enquanto olhava, uma coisa estranha aconteceu. Vagarosamente o lago começou a alongar e alongar, estreitando o seu leito até se converter num rio, um comprido rio que descia e descia pela floresta abaixo, passando pelos majestosos pinheiros bravos, pela pequena cabana em ruínas que por vezes era habitada por algum cigano errante ou um cansado vagabundo, até passar o pôr-do-sol e se esconder para além onde a vista o conseguia seguir. Depois, uma grande quantidade de pequenos barcos navegavam em direcção ao Zé, e um deles parou mesmo ao pé onde o Zé estava sentado, como se estivesse a sua espera. Olhou para o barco com muita atenção, tinha uma vela branca como a neve e um pequeno homem com a espada desembainhada na figura da proa. Uma voz que parecia vir de lado nenhum, perguntou:

– O Zé, estás pronto? Como se tivesse percebido o Zé respondeu:

– Ainda não, não completamente querido Nuno, mas estarei pronto em breve. Gostava de esperar mais um bocadinho.

– Não, não pode ser, vem agora querido menino, estão todos a tua espera. Então se pus em pé e entrou no barco, e antes de ter tempo de se sentar o barco zarpou. Olhava para os juncos que o barco cortava ao seu passo, viu os corações dos lírios enquanto abriam-se as suas grandes folhas, continuou e continuou por baixo do céu carmesim em direcção ao pôr-do-sol até se juntar no espaço com o rio.

Avistou terra ao longe, e pouco depois conseguiu perceber onde o levava o barco. Ao longo da margem havia centos e centos de bonecas em multidão à beira d'água olhando como se estivessem a espera dele. Olhavam para ele com os seus olhos redondos e brilhantes; ele limitou-se a segurar o seu pequeno bode e navegar até a ilha. As bonecas ficaram imóveis; continuavam no mesmo lugar, a sorrir para ele com os seus lábios pintados, de repente abriram as suas bocas pintadas e mostraram as suas línguas pintadas, ele continuava a não ter medo. O Zé apertou mais um bocadinho o seu pequeno bode contra ele e chamou pela sua irmã: - Carolina! Estou a tua espera, estás aí? E tal como estava a espera ouviu a voz da Carolina a responder desde o fundo da cidade dos brinquedos:

– Sim, irmão! Estou a caminho. Ele foi para perto da margem e esperou por ela. Viu-a ao longe e a abanou a sua mão.

– Vim para te levar comigo, disse ele.

– Mas não posso ir contigo, só se for comprada, – disse ela tristemente – agora tenho uma mola eletrónica dentro de mim; olha para os meus braços irmão, – arregaçou as mangas de seda rosa, e mostrou-lhe como lhe tinham enchido os braços com serrim. – Vai para casa e traz o dinheiro e paga por mim e assim poderei voltar a casa novamente – chorava a Carolina. As bonecas estavam a aproximar-se por trás, pelo que no podia virar o seu barco. – Segue em frente, – chorava a Carolina desesperadamente – que interessa ir para trás ou para a frente se só podes continuar em frente quando se vive num mundo redondo?

Então ele navegou uma vez mais baixo o céu cada vez mais cinzento, através de todas as sombras que havia no redor, baixo a pálida lua, e as pequenas estrelas que iam aparecendo uma a uma olhando por ele desde o céu.

Consegui vê-lo a ir para a terra dos livros de histórias. Era tudo o que sabia sobre ele, tão querido. Ele estava tão cansado que deixou-se dormir, mas o barco parou de forma natural, como se soubesse que estava a espera dele. Parei e beijei os seus olhos, olhei para a sua pequena cara pálida, e peguei nele com suavidade entre os meus braços, e coloquei-o neste livro para descansar. E foi assim como chegou cá, só para que saibas. Mas na terra dos brinquedos a Carolina esperava com a mola elétrica no seu peito e o serrim nos seus braços; e em casa, na grande casa no final da vila, a alta tia chorava e lamentava-se, que se os voltasse ver os amaria tanto.

Ela não teve de esperar muito, querido. Sei como isto vai ser. Quando ficou escuro como a noite e estava sentada na cadeira de pele com as suas altas costas, a sua cabeça num lado e com uma dor no seu comprido pescoço, quando quase repentinamente ouviu duas vozes a gritarem de alegria. Acordou e pôs-se à escuta perguntando-se quanto tempo teria ficado a dormir, então perguntou:

– Oh, os meus queridos, são vocês? E eles responderam:

– Sim, somos nós, estamos a ir, estamos a chegar! E depois viu ao Zé e à Carolina aparecerem. Fugiram da grande boneca, e a mola e o recheado desapareceram, e a Carolina deixou de ser a pequena menina da boneca. A alta tia olhou para eles e os beijou, e também beijou ao pequeno bode, e perguntou-se se seria possível compra-lhe uma nova trela. Embora fosse pequeno o seu coração ia cantar de alegria. Meninos, não há uma música que seja cantada por pássaro ou abelha, ou a sair directamente dos lábios mais alegres, que só será a metade de doce do que a música que é cantada nos vossos corações – uma música que só aprende-se com amor e cantam aqueles que nos amam.

2.2. A Tradução Revista pela Própria Tradutora

O PEQUENO ZÉ

Era uma vez um miúdo chamado Zé. Nunca soube o seu último nome, e, como ele vivia longe, perto da montanha, não lhe podíamos perguntar. O Zé tinha o cabelo claro e os olhos azúis, e transmitia qualquer coisa. Quando olhavas para ele, fazia-te sentir feliz e tranquilo, e pensar naquelas coisas que adiamos para quando nos sentimos com juízo e com forças. Vivia sozinho com a sua tia, que era muito alta, em uma grande casa no final da vila. Ela era muito rica. Cada manhã ele descia a rua com o seu pequeno bode por baixo do seu braço, e os habitantes da vila olhavam para ele e diziam: – Ali vai o Pequeno Zé!

A sua alta tia tinha um longo pescoço; no final do pescoço estava a sua cabeça e no topo da sua cabeça levava um chapéu branco. O Zé costumava olhar para ela e pensar que o chapéu era como a neve no topo da montanha. Ela gostava muito do Zé, mas ela já tinha vivido muitos anos e pensava muito naqueles anos. Até tinha esquecido todas as brincadeiras que costumava conhecer, todas as histórias que lhe contaram quando era pequena, e quando o Zé a perguntava ela dizia: – Não querido, não consigo me lembrar; vai para a floresta a brincar. Por vezes, ela assegurava a sua cara com as suas mãos e olhava para ele, mas o Zé tinha quase a certeza que não estava a pensar nele, mas sim numa outra pessoa que ele não conhecia. Finalmente beijava-o, e ao sair rapidamente disse: – Querido, vai à floresta, não é bom para ti ficares com uma velha como eu! Ele, como sabia que a sua tia queria estar sozinha, pegava no seu bode e desaparecia.

O Zé tinha uma pequena irmã, que era uma doçura, chamava-se Carolina. Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha, magoou a sua enorme boneca que falava e caminhava, e as consequências foram terríveis. Pouco tempo depois a boneca mostrou o seu lado malvado, pestaneou, falou muito rápido, fixou o rosto e asseguro na mão da Carolina e disse: – Já não sou a tua boneca, tu agora é que és a minha

pequena menina! E dizendo isto, levou-a. Ninguém sabe dizer para onde, e ninguém conseguiu segui-las. A única coisa que o Zé e a sua alta tia sabiam, era que agora, a Carolina, era a menina da boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.

Depois da Carolina ir embora, ao Zé só lhe restava o seu bode com quem brincar. Era uma pequena coisa sem hastes, sem cauda e quase sem pelo, mas continuava a mimá-lo muito, pô-lo, cada manhã, por baixo do seu braço enquanto caminhava pela rua.

– É só um pedaço de madeira pintada com cabelo, Pequeno Zé, disse um dia a esposa do ferreiro – Por que é que o mimas assim tanto? Nem sequer está vivo!

– Mas se estivesse vivo, ninguém o poderia amar.

– Foi feito com mãos cheias de vida, disse a senhora Santos. Pergunto-me de quem seriam essas mãos desconhecidas... toma conta dele, pelo seu bem, Pequeno Zé!

– Sim senhora, assim o farei, respondeu ele amavelmente, e continuou o seu caminho, a pensar naquelas mãos, perguntando-se que outras coisas teriam feito desde aquele pequeno bode. O Zé ficava o dia todo na floresta a ajudar aos miúdos a apanhar nozes e amoras. Na parte da tarde via-os ir para casa com os aventais cheios, e observava desde a distância como seguiam o seu caminho a cantar. Se o Zé tivesse pais, irmãos ou irmãs para quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito não ficaria. Às vezes, o Zé dizia aos outros miúdos o feliz que seria a viver numa cabana com a porta aberta o dia todo, com a doce brisa a soprar, os galos e as galinhas a pavonearem-se lá fora, e os porcos a grunhir nas suas pocilgas no final do jardim. Ver a sua mãe a limpar e lavar e saber que o pai está a trabalhar nos campos, e ele a brincar, sair, ajudar, e ser abraçado e beijado. Ele explicava tudo isto como se tivesse acabado de acontecer. Depois, eles perguntavam-se como poderia ser assim e diziam-lhe: – Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem

para conduzir, e nós somos pobres. Por vezes temos muito pouco que comer ou beber, e a mãe diz quão bom seria ser como tu.

– Mas a comida que comes é doce porque tens muita fome, respondeu o Zé, – E ninguém fica triste na vossa casa. Quanto à grande carruagem, é melhor ter uma carruagem se tiveres um coração pesado, mas se for leve podem correr rapidamente com as vossas pernas.” Coitado do Zé, sentia-se muito sozinho, embora a sua alta tia o amasse com todo o coração. Nos dias quentes fazia boas sextas com a sua cabeça a descansar nos ombros grandes e finos da sua tia, rodeado pelos seus braços.

Uma tarde, com o seu bode como era costume, sentou-se à beira do lago. Os miúdos todos tinham ido para casa, estava sozinho, mas gostava de olhar para o lago e pensar. Havia coisas muito esquisitas no mundo, era como se nunca tivesse pensado nelas, mesmo que vivesse cem anos.

Colocou os seus cotovelos nos seus joelhos e sentou-se à beira do lago. Ouviu as árvores a sussurrar por trás dele, os coelhos a entrarem e a saírem das tocas que tinham feito; ao longe podia ouvir o gorjear da andorinha, viu também a dedaleira morta, o feto arbóreo passou a ser castanho, as folhas do pinheiro estavam no chão. Enquanto olhava, uma coisa estranha aconteceu. Vagarosamente, o lago começou a alongar e alongar, estreitando o seu leito até se converter num rio, um comprido rio que descia e descia pela floresta abaixo, passando pelos majestosos pinheiros bravos, pela pequena cabana em ruínas que por vezes era habitada por algum cigano errante ou um cansado vagabundo, até passar o pôr-do-sol e se esconder para além de onde a vista conseguia alcançar. Depois, uma grande quantidade de pequenos barcos navegavam em direcção ao Zé, e um deles parou mesmo ao pé onde o Zé estava sentado, como se estivesse à sua espera. Olhou para o barco com muita atenção e viu que tinha uma vela branca como a neve e um pequeno homem com a espada desembainhada na figura da proa. Uma voz que parecia vir de lado nenhum, perguntou:

– Oh Zé, estás pronto? Como se tivesse percebido o Zé respondeu:

– Ainda não, não completamente querido Nuno, mas estarei pronto em breve. Gostava de esperar mais um bocadinho.

– Não, não pode ser, vem agora querido menino, estão todos à tua espera. Então pôs-se em pé e entrou no barco, e antes de ter tempo de se sentar, o barco zarpou. Olhava para os juncos que o barco cortava ao seu passo, viu os corações dos lírios enquanto abriam-se as suas grandes folhas, continuou e continuou por baixo do céu carmesim em direcção ao pôr-do-sol até se juntar no espaço com o rio.

Avistou terra ao longe, e pouco depois conseguiu perceber onde o barco o levava. Ao longo da margem havia centos e centos de bonecas em multidão à beira d’água olhando como se estivessem à sua espera. Olhavam para ele com os seus olhos redondos e brilhantes mas ele limitou-se a segurar o seu pequeno bode e a navegar até à ilha. As bonecas continuavam no mesmo lugar, imóveis, a sorrir para ele com os seus lábios pintados. De repente abriram as suas bocas pintadas e mostraram as suas línguas pintadas, mas ele continuava a não ter medo. O Zé apertou mais um bocadinho o seu pequeno bode contra ele e chamou pela sua irmã: – Carolina! Estou à tua espera, estás aí? E tal como estava a espera ouviu a voz da Carolina a responder desde o fundo da cidade dos brinquedos:

– Sim, irmão! Estou a caminho. Ele foi para perto da margem e esperou por ela. Viu-a ao longe e a abanou a sua mão.

– Vim para te levar comigo, disse ele.

– Mas não posso ir contigo, só se for comprada, – disse ela tristemente – agora tenho uma mola eletrónica dentro de mim; olha para os meus braços irmão, – arregaçou as mangas de seda rosa, e mostrou-lhe como lhe tinham enchido os braços com serrim. – Vai para casa e traz o dinheiro e paga por mim. Só assim poderei voltar a casa novamente – chorava a Carolina. As bonecas estavam a aproximar-se por trás, pelo que não podia virar o seu barco. – Segue em frente, – chorava a Carolina

desesperadamente – que interessa ir para trás ou para a frente se só podes continuar em frente quando se vive num mundo redondo?

Então ele navegou uma vez mais por baixo do céu cada vez mais cinzento, através de todas as sombras que havia no redor, baixo a pálida lua, e as pequenas estrelas que iam aparecendo, uma a uma, olhando por ele lá do céu.

Consegui vê-lo a ir para a terra dos livros de histórias. Era tudo o que sabia sobre ele, tão querido. Ele estava tão cansado que se deixou dormir, mas o barco parou de forma natural, como se soubesse que estava à espera dele. Parei e beijei os seus olhos, olhei para a sua pequena cara pálida, e peguei nele com suavidade entre os meus braços e coloquei-o neste livro para descansar. E foi assim como chegou cá, só para que saibas. Mas na terra dos brinquedos a Carolina esperava com a mola elétrica no seu peito e o serrim nos seus braços; em casa, na grande casa no final da vila, a alta tia chorava e lamentava-se, que se os voltasse a ver os amaria tanto.

Ela não teve de esperar muito, querido. Sei como isto vai ser. Quando ficou escuro como a noite e estava sentada na cadeira de pele com as suas altas costas, a sua cabeça num lado e com uma dor no seu comprido pescoço, quando quase repentinamente ouviu duas vozes a gritarem de alegria. Acordou e pôs-se à escuta perguntando-se quanto tempo teria ficado a dormir. Então perguntou:

– Oh, meus queridos, são vocês? E eles responderam:

– Sim, somos nós, estamos a ir, estamos a chegar! E depois viu ao Zé e a Carolina aparecerem. Fugiram da grande boneca, a mola e o recheio desapareceram, e a Carolina deixou de ser a pequena menina da boneca. A alta tia olhou para eles e beijou-os, e também beijou o pequeno bode, e perguntou-se se seria possível comprar-lhe uma nova trela. Embora fosse pequeno o seu coração ia saltar de alegria. Meninos, não há uma música que seja cantada por pássaro ou abelha, ou a sair directamente dos lábios mais alegres, que só será a metade de doce do que a música que é

cantada nos vossos corações – uma música que só se aprende com amor,
quando e cantam aqueles que nos amam.

2.3. Revisão Realizada por uma Pessoa Nativa Portuguesa

O PEQUENO ZÉ

Era uma vez um pequeno chamado Zé. Nunca soube o seu último nome, e, como ele vivia longe, perto da montanha, não lhe podíamos perguntar. O Zé tinha o cabelo claro e os olhos azuis, e transmitia qualquer coisa. Quando olhavas para ele, fazia-te sentir feliz e tranquilo, e pensar naquelas coisas que adiamos para quando nos sentimos ajuizados e com forças. Vivia sozinho com a sua tia, que era muito alta, numa grande casa no final da vila. Ela era muito rica. Todas as manhãs ele descia a rua com o seu pequeno bode debaixo do braço, e os habitantes da vila olhavam para ele e diziam: – Ali vai o Pequeno Zé!

A sua alta tia tinha um longo pescoço; no final do pescoço estava a sua cabeça e no topo da cabeça trazia um chapéu branco. O Zé costumava olhar para ela e pensar que o chapéu era como a neve no topo da montanha. Ela gostava muito do Zé, mas já tinha vivido muitos anos e pensava muito naqueles anos. Até tinha esquecido todas as brincadeiras que costumava conhecer, todas as histórias que lhe contaram quando era pequena, e quando o Zé lhe perguntava ela dizia: – Não querido, não me consigo lembrar; vai para a floresta brincar. Por vezes, ela segurava a cara do Zé nas suas mãos e olhava para ele, mas o Zé tinha quase a certeza que não estava a pensar nele, mas sim numa outra pessoa que ele não conhecia. Finalmente beijava-o, e saindo rapidamente dizia: – Querido, vai à floresta, não é bom para ti ficares com uma velha como eu! Ele, como sabia que a sua tia queria ficar sozinha, pegava no seu bode e desaparecia.

O Zé tinha uma pequena irmã, que era uma doçura, chamava-se Carolina. Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha. Feriu a sua enorme boneca que falava e caminhava, e as consequências foram terríveis. Pouco tempo depois a boneca mostrou o seu lado malvado, pestanejou, falou muito rápido, fixou o rosto da Carolina e segurando na sua mão, disse: – Já não sou a tua boneca, tu agora é que és a minha menina! E dizendo isto, levou-a. Ninguém sabe dizer para onde, e ninguém

conseguiu segui-las. A única coisa que o Zé e a sua alta tia sabiam, era que agora, a Carolina, era a menina da boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.

Depois da Carolina se ir embora, ao Zé só lhe restava o seu bode com quem brincar. Era uma pequena coisa sem hastes, sem cauda e quase sem pelo, mas continuava a mimá-lo muito, e a pô-lo, todas as manhãs, debaixo do braço enquanto caminhava pela rua.

– É só um pedaço de madeira pintada com cabelo, Pequeno Zé, disse um dia a esposa do ferreiro – Por que é que o mimas assim tanto? Nem sequer está vivo!

– Mas se estivesse vivo, ninguém o poderia amar.

– Foi feito com mãos cheias de vida, disse a senhora Santos. Pergunto-me de quem seriam essas mãos desconhecidas... toma conta dele, pelo seu bem, Pequeno Zé!

– Sim senhora, assim farei, respondeu ele amavelmente, e continuou o seu caminho, a pensar naquelas mãos, perguntando-se que outras coisas teriam feito depois daquele pequeno bode. O Zé ficava todo o dia na floresta a ajudar os miúdos a apanhar nozes e amoras. Na parte da tarde via-os ir para casa com os aventais cheios, e observava à distância, como seguiam o seu caminho a cantar. Se o Zé tivesse pais, irmãos ou irmãs a quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito ele ficaria. Às vezes, o Zé dizia aos outros miúdos como seria feliz a viver numa cabana com a porta aberta durante todo o dia, com a doce brisa a soprar, os galos e as galinhas a pavonearem-se lá fora, e os porcos a grunhirem nas suas pocilgas no final do jardim. Ver a mãe a limpar e a lavar, saber que o pai está a trabalhar nos campos, e ele a brincar, a sair, a ajudar, e a ser abraçado e beijado. Ele explicava tudo isto como se tivesse acabado de acontecer. Depois, eles perguntavam-se como poderia ser assim e diziam-lhe: – Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem para conduzir, e nós somos pobres. Por vezes temos muito pouco que comer ou beber, e a mãe diz como seria bom ser como tu.

– Mas a comida que comes é doce porque tens muita fome, respondeu o Zé, – E ninguém fica triste na vossa casa. Quanto à grande carruagem, é melhor ter uma carruagem se tiveres um coração pesado, mas se for leve podem correr rapidamente com as vossas pernas. Pobre Zé, sentia-se muito sozinho, embora a sua alta tia o amasse com todo o coração. Nos dias quentes fazia boas sextas com a sua cabeça a descansar nos ombros grandes e finos da sua tia, rodeado pelos seus braços.

Uma tarde, sentou-se à beira do lago com o seu bode, como de costume. Todos os miúdos tinham ido para casa, estava sozinho, mas gostava de olhar para o lago e pensar. Havia coisas muito esquisitas no mundo, era como se nunca tivesse pensado nelas, mesmo que vivesse cem anos.

Colocou os cotovelos nos joelhos e, sentado à beira do lago, ouviu as árvores a sussurrar por trás dele, os coelhos a entrarem e a saírem das tocas que tinham feito; ao longe podia ouvir o gorjear da andorinha. A campainha estava morta, o feto arbóreo passou a ser castanho, as folhas do pinheiro estavam no chão. Enquanto olhava, uma coisa estranha aconteceu. Vagarosamente, o lago começou a alongar, a alongar, estreitando o seu leito até se converter num rio, um comprido rio que descia pela floresta, passando pelos majestosos pinheiros bravos, pela pequena cabana em ruínas em que por vezes habitava algum cigano errante ou um vagabundo cansado, até o sol se esconder para além de onde a vista conseguia alcançar. Depois, uma grande quantidade de pequenos barcos navegaram em direcção ao Zé, e um deles parou mesmo junto ao sítio onde ele estava sentado, como se estivesse à sua espera. Olhou para o barco com muita atenção e viu que tinha uma vela branca como a neve e um pequeno homem com a espada desembainhada na figura da proa. Uma voz que parecia vir do nada, perguntou:

– Oh Zé, estás pronto? Como se tivesse percebido o Zé respondeu:

– Ainda não, não completamente querido Nuno, mas estarei pronto em breve. Gostava de esperar mais um bocadinho.

– Não, não pode ser, vem agora querido menino, estão todos à tua espera. Então pôs-se em pé e entrou no barco, e antes de ter tempo de se sentar, o barco zarpou. Olhava para os juncos que o barco cortava ao passar, viu os corações dos lírios enquanto abriam as suas grandes folhas, e continuou por baixo do céu carmesim em direcção ao pôr-do-sol até se juntar no espaço com o rio.

Avistou terra ao longe, e pouco depois conseguiu perceber onde o barco o levava. Ao longo da margem havia centenas e centenas de bonecas em multidão à beira d’água olhando como se estivessem à sua espera. Olhavam para ele com os seus olhos redondos e brilhantes mas ele limitou-se a segurar o seu pequeno bode e a navegar até à ilha. As bonecas continuavam no mesmo lugar, imóveis, a sorrir para ele com os seus lábios pintados. De repente abriram as suas bocas pintadas e mostraram as suas línguas pintadas, mas ele continuava a não ter medo. O Zé apertou mais um bocadinho o seu pequeno bode contra ele e chamou pela irmã: – Carolina! Estou à tua espera, estás aí? E tal como esperava, ouviu a voz da Carolina a responder do fundo da cidade dos brinquedos:

– Sim, irmão! Estou a caminho. Ele foi para perto da margem e esperou por ela. Viu-a ao longe e acenou com a sua mão.

– Vim para te levar comigo, disse ele.

– Mas não posso ir contigo, só se for comprada, – disse ela tristemente – agora tenho uma mola eletrónica dentro de mim; olha para os meus braços irmão, – arregaçou as mangas de seda rosa, e mostrou-lhe como lhe tinham enchido os braços com serradura. – Vai para casa e traz o dinheiro e paga por mim. Só assim poderei voltar para casa novamente – chorava a Carolina. As bonecas estavam a aproximar-se por trás, pelo que não podia virar o seu barco. – Segue em frente, – chorava a Carolina desesperadamente – que interessa ir para trás ou para a frente se só podes continuar em frente quando se vive num mundo redondo?

Então ele navegou uma vez mais para baixo, o céu cada vez mais cinzento, através de todas as sombras que havia ao redor, debaixo da

pálida lua, e as pequenas estrelas que iam aparecendo, uma a uma, olhando por ele lá do céu.

Consegui vê-lo a ir para a terra dos livros de histórias. Era tudo o que sabia sobre ele, tão querido. Ele estava tão cansado que se deixou dormir, mas o barco parou de forma natural, como se soubesse que estava à espera dele. Parei e beijei os seus olhos, olhei para a sua pequena cara pálida, e pegando nele com suavidade entre os meus braços, coloquei-o neste livro para descansar. E foi assim que chegou aqui, para que saibas. Mas na terra dos brinquedos a Carolina esperava com a mola elétrica no seu peito e a serradura nos seus braços; em casa, na grande casa no final da vila, a alta tia chorava e lamentava-se, que se os voltasse a ver os amaria tanto.

Ela não teve de esperar muito, querido. Quando ficou escuro como a noite e estava sentada na cadeira de pele com as suas altas costas, a sua cabeça num lado e com uma dor no seu comprido pescoço, quando quase repentinamente ouviu duas vozes a gritarem de alegria. Acordou e pôs-se à escuta, perguntando-se quanto tempo teria ficado a dormir. Então perguntou:

– Oh, meus queridos, são vocês? E eles responderam:

– Sim, somos nós, estamos a ir, estamos a chegar! E depois viu o Zé e a Carolina aparecerem. Fugiram da grande boneca, a mola e o recheio desapareceram, e a Carolina deixou de ser a pequena menina da boneca. A alta tia olhou para eles e beijou-os, e também beijou o pequeno bode, perguntando-se se seria possível comprar-lhe uma nova trela. Embora fosse pequeno o seu coração ia saltar de alegria. Meninos, não há uma música que seja cantada por pássaro ou abelha, ou que saia directamente dos lábios mais alegres, que só terá metade da doçura da música que é cantada nos vossos corações – uma música que só se aprende com amor, quando é cantada por aqueles que nos amam.

2.4. Versão Final

O PEQUENO ZÉ

Era uma vez um miúdo chamado Zé. Nunca soube o seu último nome e, como ele vivia longe, perto da montanha, não lhe podíamos perguntar. O Zé tinha o cabelo claro e os olhos azuis, e transmitia qualquer coisa. Quando olhavas para ele, fazia-te sentir feliz e tranquilo, e pensar naquelas coisas que adiamos para quando nos sentimos ajuizados e com forças. Vivia sozinho com a sua tia, que era muito alta, numa grande casa no final da vila. Ela era muito rica. Todas as manhãs ele descia a rua com o seu pequeno bode debaixo do braço, e os habitantes da vila olhavam para ele e diziam: – Ali vai o Pequeno Zé!

A sua alta tia tinha um longo pescoço; no final do pescoço estava a sua cabeça e no topo da cabeça trazia um chapéu branco. O Zé costumava olhar para ela e pensar que o chapéu era como a neve no topo da montanha. Ela gostava muito do Zé, mas já tinha vivido muitos anos e pensava muito naqueles anos. Até tinha esquecido todas as brincadeiras que costumava conhecer, todas as histórias que lhe contaram quando era pequena, e quando o Zé lhe perguntava ela dizia: – Não querido, não me consigo lembrar; vai para a floresta brincar. Por vezes, ela segurava a cara do Zé nas suas mãos e olhava para ele, mas o Zé tinha quase a certeza que não estava a pensar nele, mas sim numa outra pessoa que ele não conhecia. Finalmente, beijava-o e ao sair rapidamente disse: – Querido, vai à floresta, não é bom para ti ficares com uma velha como eu! Ele, como sabia que a sua tia queria ficar sozinha, pegava no seu bode e desaparecia.

O Zé tinha uma pequena irmã, que era uma doçura, chamava-se Carolina. Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha, magoou a sua enorme boneca que falava e caminhava, e as consequências foram terríveis. Pouco tempo depois, a boneca mostrou o seu lado malvado, pestanejou, falou muito rápido, fixou o rosto da Carolina e, segurando na sua mão, disse: – Já não sou a tua boneca, tu agora é que és a minha

pequena menina! E, dizendo isto, levou-a. Ninguém sabe dizer para onde, e ninguém conseguiu segui-las. A única coisa que o Zé e a sua alta tia sabiam, era que agora, a Carolina, era a menina da boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.

Depois da Carolina se ir embora, ao Zé só lhe restava o seu bode com quem brincar. Era uma pequena coisa sem hastes, sem cauda e quase sem pelo, mas continuava a mimá-lo muito, e a pô-lo, todas as manhãs, debaixo do braço enquanto caminhava pela rua.

– É só um pedaço de madeira pintada com cabelo, Pequeno Zé, disse um dia a mulher do ferreiro – Por que é que o mimas assim tanto? Nem sequer está vivo!

– Mas se estivesse vivo, ninguém o poderia amar.

– Foi feito com mãos cheias de vida, disse a senhora Santos. Pergunto-me de quem seriam essas mãos desconhecidas... toma conta dele, pelo seu bem, Pequeno Zé!

– Sim senhora, assim farei, respondeu ele amavelmente, e continuou o seu caminho, a pensar naquelas mãos, perguntando-se que outras coisas teriam feito depois daquele pequeno bode. O Zé ficava todo o dia na floresta a ajudar os miúdos a apanhar nozes e amoras. Na parte da tarde via-os ir para casa com os aventais cheios e observava, à distância, como seguiam o seu caminho a cantar. Se o Zé tivesse pais, irmãos ou irmãs a quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito ele ficaria. Às vezes, o Zé dizia aos outros miúdos como seria feliz a viver numa cabana com a porta aberta durante todo o dia, com a doce brisa a soprar, os galos e as galinhas a pavonearem-se lá fora e os porcos a grunhirem nas suas pocilgas no final do jardim. Ver a sua mãe a limpar e lavar e saber que o pai está a trabalhar nos campos, e ele a brincar, sair, ajudar, e ser abraçado e beijado. Ele explicava tudo isto como se tivesse acabado de acontecer. Depois, eles perguntavam-se como poderia ser assim e diziam-lhe: – Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem

para conduzir, e nós somos pobres. Por vezes temos muito pouco que comer ou beber, e a mãe diz quão bom seria ser como tu.

– Mas a comida que comes é doce porque tens muita fome, respondeu o Zé. – E ninguém fica triste na vossa casa. Quanto à grande carruagem, é melhor ter uma carruagem se tiveres um coração pesado, mas se for leve podem correr rapidamente com as vossas pernas. Pobre Zé, sentia-se muito sozinho, embora a sua alta tia o amasse com todo o coração. Nos dias quentes fazia boas sextas com a sua cabeça a descansar nos ombros grandes e finos da sua tia, rodeado pelos seus braços.

Uma tarde, sentou-se à beira do lago com o seu bode, como de costume. Todos os miúdos tinham ido para casa, estava sozinho, mas gostava de olhar para o lago e pensar. Havia coisas muito esquisitas no mundo, era como se nunca tivesse pensado nelas, mesmo que vivesse cem anos.

Colocou os seus cotovelos nos seus joelhos e sentou-se à beira do lago. Ouviu as árvores a sussurrar por trás dele e os coelhos a entrarem e a saírem das tocas que tinham feito. Ao longe podia ouvir o gorjear da andorinha, viu também a campainha morta, o feto arbóreo passou a ser castanho, as folhas do pinheiro estavam no chão. Enquanto olhava, uma coisa estranha aconteceu. Vagarosamente, o lago começou a alongar, a alongar, estreitando o seu leito até se converter num rio, um comprido rio que descia e descia pela floresta abaixo, passando pelos majestosos pinheiros bravos, pela pequena cabana em ruínas, em que por vezes habitava algum cigano errante ou um vagabundo cansado, até passar o pôr-do-sol e se esconder para além de onde a vista conseguia alcançar. Depois, uma grande quantidade de pequenos barcos navegavam em direcção ao Zé, e um deles parou, mesmo junto ao sítio onde Zé estava sentado, como se estivesse à sua espera. Olhou para o barco com muita atenção e viu que tinha uma vela branca como a neve e um pequeno homem com a espada desembainhada na figura da proa. Uma voz que parecia vir do nada, perguntou:

– Oh Zé, estás pronto? Como se tivesse percebido o Zé respondeu:

– Ainda não, não completamente querido Nuno, mas estarei pronto em breve. Gostava de esperar mais um bocadinho.

– Não, não pode ser, vem agora querido menino, estão todos à tua espera. Então, pôs-se em pé e entrou no barco, e antes de ter tempo de se sentar, o barco zarpou. Olhava para os juncos que o barco cortava ao passar, viu os corações dos lírios enquanto abriam as suas grandes folhas e continuou por baixo do céu carmesim em direcção ao pôr-do-sol até se juntar no espaço com o rio.

Avistou terra ao longe e pouco depois conseguiu perceber para onde o barco o levava. Ao longo da margem havia centenas e centenas de bonecas, em multidão à beira d’água, olhando como se estivessem à sua espera. Olhavam para ele com os seus olhos redondos e brilhantes, mas ele limitou-se a segurar o seu pequeno bode e a navegar até à ilha. As bonecas continuavam no mesmo lugar, imóveis, a sorrir para ele com os seus lábios pintados. De repente, abriram as suas bocas pintadas e mostraram as línguas pintadas, mas ele continuava a não ter medo. O Zé apertou mais um bocadinho o seu pequeno bode contra ele e chamou pela irmã: – Carolina! Estou à tua espera, estás aí? E tal como esperava, ouviu a voz da Carolina a responder do fundo da cidade dos brinquedos:

– Sim, irmão! Estou a caminho. Ele foi para perto da margem e esperou por ela. Viu-a ao longe e acenou com a sua mão.

– Vim para te levar comigo, disse ele.

– Mas não posso ir contigo, só se for comprada, – disse ela tristemente – agora tenho uma mola eletrónica dentro de mim. Olha para os meus braços irmão, – arregaçou as mangas de seda rosa, e mostrou-lhe como lhe tinham enchido os braços com serradura. – Vai para casa, traz o dinheiro e paga por mim. Só assim poderei voltar para casa novamente – chorava a Carolina. As bonecas estavam a aproximar-se por trás, pelo que não podia virar o barco. – Segue em frente, – chorava Carolina

desesperadamente – que interessa ir para trás ou para a frente se, quando se vive num mundo redondo, só podes continuar em frente?

Então, ele navegou, uma vez mais, por baixo do céu cada vez mais cinzento, através de todas as sombras que havia ao redor, debaixo da pálida lua, e as pequenas estrelas que iam aparecendo, uma a uma, olhando por ele lá do céu.

Consegui vê-lo a ir para a terra dos livros de histórias. Era tudo o que sabia sobre ele, tão querido. Estava tão cansado que se deixou dormir, mas o barco parou de forma natural, como se soubesse que estava à espera dele. Parei e beijei os seus olhos, olhei para a sua pequena cara pálida, peguei nele com suavidade entre os meus braços e coloquei-o neste livro para descansar. E foi assim que chegou aqui, só para que saibas. Mas na terra dos brinquedos, a Carolina esperava com a mola elétrica no seu peito e a serradura nos seus braços. Em casa, na grande casa no final da vila, a alta tia chorava e lamentava-se que se os voltasse a ver os amaria tanto.

Ela não teve de esperar muito, querido. Quando ficou escuro como a noite, estava sentada na cadeira de pele, com a suas altas costas, a sua cabeça num lado e com uma dor no seu comprido pescoço, quase repentinamente ouviu duas vozes a gritarem de alegria. Acordou e pôs-se à escuta, perguntando-se quanto tempo teria ficado a dormir. Então perguntou:

– Oh, meus queridos, são vocês? E eles responderam:

– Sim, somos nós, estamos a ir, estamos a chegar! E depois viu o Zé e a Carolina aparecerem. Fugiram da grande boneca, a mola e o recheio desapareceram, e a Carolina deixou de ser a pequena menina da boneca. A alta tia olhou para eles e beijou-os, e também beijou o pequeno bode, e perguntou-se se seria possível comprar-lhe uma nova trela. Embora fosse pequeno, o seu coração ia saltar de alegria. Meninos, não há uma música que seja cantada por pássaro ou abelha, ou que saia directamente dos lábios mais alegres, que tenha só metade da doçura da música cantada

nos vossos corações – uma música que só se aprende com amor, quando é cantada por aqueles que nos amam.

2.5. Quadro Comparativo do Processo de Tradução

Primeira Tradução	Tradução revista pela tradutora	Revisão realizada por uma Pessoa Nativa Portuguesa	Versão Final
a) um pequeno miúdo chamado	a) um miúdo chamado Zé	a) um miúdo chamado Zé	a) um miúdo chamado Zé
b) transmitia qualquer coisa, quando	b) qualquer coisa. Quando	b) qualquer coisa. Quando	b) qualquer coisa. Quando
c) Cada manhã ele	c) Cada manhã ele	c) Todas as manhãs ele	c) Todas as manhãs ele
d) por baixo do	d) por baixo do	d) debaixo do	d) debaixo do
e) cabeça, no topo da sua cabeça levava um	e) cabeça e no topo da sua cabeça levava um	e) cabeça e no topo da cabeça trazia um	e) cabeça e no topo da cabeça trazia um
f) anos, até	f) anos. Até	f) anos. Até	f) anos. Até
g) quando o Zé a perguntava	g) quando o Zé a perguntava	g) quando o Zé lhe perguntava	g) quando o Zé lhe perguntava
h) não consigo me lembrar;	h) não consigo me lembrar;	h) não me consigo lembrar;	h) não me consigo lembrar;
i) floresta a brincar	i) a floresta a brincar	i) a floresta brincar	i) a floresta brincar
j) a sua cara com as suas mãos	j) a sua cara com as suas mãos	j) nas suas mãos	j) nas suas mãos
k) ela era	k) que era	k) que era	k) que era
l) mas qualquer coisa estranha aconteceu-lhe. Um dia, feriu a sua enorme boneca que falava e caminhava,	l) Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha, magoou a sua enorme boneca que falava e caminhava,	l) Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha. Feriu a sua enorme boneca que falava e caminhava,	l) Um dia aconteceu-lhe uma coisa muito estranha, magoou a sua enorme boneca que falava e caminhava,
m) pestaneou,	m) pestaneou,	m) pestanejou,	m) pestanejou,
n) fixou o rosto e asseguro na mão da Carolina e disse:	n) fixou o rosto e asseguro na mão da Carolina e disse:	n) fixou o rosto da Carolina e segurando na sua mão, disse:	n) fixou o rosto da Carolina e, segurando na sua mão, disse:
o) mas agora tu és a minha pequena menina! E levou-a.	o) tu agora é que és a minha pequena menina! E levou-a.	o) tu agora é que és a minha menina! E dizendo isto, levou-a.	o) tu agora é que és a minha menina! E dizendo isto, levou-a.
p) era que agora a Carolina era a menina da	p) era que agora, a Carolina, era a menina da	p) era que agora, a Carolina, era a	p) era que agora, a Carolina, era a

<p>boneca em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos são.</p> <p>q) da Carolina ir embora</p> <p>r) brincar, era</p> <p>s) mima-lo muito,</p> <p>t) cada manhã, por baixo do seu braço</p> <p>u) pintada e cabelo</p> <p>v) seriam as mãos</p> <p>w) assim o farei,</p> <p>x) ajudar aos miúdos</p> <p>y) os via ir para casa</p> <p>z) desde a distancia</p> <p>aa) para quem ele pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito não ficaria.</p> <p>bb) dizia aos miúdos o feliz que seria a viver numa cabana com a porta aberta o dia todo,</p> <p>cc) e galinhas</p> <p>dd) a grunhir</p> <p>ee) do jardim, a ver a</p> <p>ff) beijado, ele explicava</p> <p>gg) e diziam:</p>	<p>boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.</p> <p>q) da Carolina ir embora</p> <p>r) brincar. Era</p> <p>s) mima-lo muito,</p> <p>t) cada manhã, por baixo do seu braço</p> <p>u) pintada com cabelo</p> <p>v) seriam as mãos</p> <p>w) assim o farei,</p> <p>x) ajudar aos miúdos</p> <p>y) tarde via-os ir para casa</p> <p>z) desde a distância</p> <p>aa) para quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito não ficaria.</p> <p>bb) dizia aos miúdos o feliz que seria a viver numa cabana com a porta aberta o dia todo,</p> <p>cc) e as galinhas</p> <p>dd) a grunhir</p> <p>ee) do jardim. Ver a</p> <p>ff) beijado. Ele explicava</p> <p>gg) e diziam-lhe:</p>	<p>menina da boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.</p> <p>q) Carolina se ir embora</p> <p>r) brincar. Era</p> <p>s) mimá-lo muito,</p> <p>t) todas as manhãs, debaixo do braço</p> <p>u) pintada com cabelo</p> <p>v) essas mãos desconhecidas</p> <p>w) assim farei,</p> <p>x) ajudar os miúdos</p> <p>y) tarde via-os ir para casa</p> <p>z) à distância</p> <p>aa) a quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito ele ficaria.</p> <p>bb) dizia aos outros miúdos como seria feliz a viver numa cabana com a porta aberta durante todo o dia,</p> <p>cc) e as galinhas</p> <p>dd) a grunhirem</p> <p>ee) do jardim. Ver a</p> <p>ff) beijado. Ele explicava</p>	<p>menina da boneca, em algum lugar estranho onde os bonecos são mais fortes e importantes do que os seres humanos.</p> <p>q) Carolina se ir embora</p> <p>r) brincar. Era</p> <p>s) mimá-lo muito,</p> <p>t) todas as manhãs, debaixo do braço</p> <p>u) pintada com cabelo</p> <p>v) essas mãos desconhecidas</p> <p>w) assim farei,</p> <p>x) ajudar os miúdos</p> <p>y) tarde via-os ir para casa</p> <p>z) à distância</p> <p>aa) a quem pudesse levar nozes e amoras, quão satisfeito ele ficaria.</p> <p>bb) dizia aos outros miúdos como seria feliz a viver numa cabana com a porta aberta durante todo o dia,</p> <p>cc) e as galinhas</p> <p>dd) a grunhirem</p> <p>ee) do jardim. Ver a</p> <p>ff) beijado. Ele explicava</p>
---	---	---	---

<p>hh) Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, e a grande casa para viver, e o grande carruagem para conduzir,</p> <p>ii) pobres, e por vezes</p> <p>jj) Quanto ao grande carruagem</p> <p>kk) Coitado do Zé,</p> <p>ll) Uma tarde, com o seu bode como era costume, sentou-se à beira do lago. Os miúdos todos</p> <p>mm) As árvores estavam a sussurrar por trás dele</p> <p>nn) a alongar e alongar,</p> <p>oo) era habitada por algum cigano errante</p> <p>pp) até passar o pôr-do-sol e se esconder para além onde a vista o conseguia seguir.</p> <p>qq) ao pé onde o Zé estava sentado,</p> <p>rr) vir de lado nenhum,</p> <p>ss) – O Zé</p> <p>tt) todos a tua espera. Então se pus em pé e entrou no barco,</p> <p>uu) ao seu passo,</p> <p>vv) abriam-se as suas grandes folhas,</p>	<p>hh) Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem para conduzir,</p> <p>ii) pobres. Por vezes</p> <p>jj) Quanto à grande carruagem</p> <p>kk) Coitado do Zé,</p> <p>ll) Uma tarde, com o seu bode como era costume, sentou-se à beira do lago. Os miúdos todos</p> <p>mm) Ouviu as árvores a sussurrar por trás dele</p> <p>nn) a alongar e alongar,</p> <p>oo) era habitada por algum cigano errante</p> <p>pp) até passar o pôr-do-sol e se esconder para além onde a vista o conseguia seguir.</p> <p>qq) ao pé onde o Zé estava sentado,</p> <p>rr) vir de lado nenhum,</p> <p>ss) – Oh Zé</p> <p>tt) todos à tua espera. Então pôs-se em pé e entrou no barco,</p> <p>uu) ao seu passo,</p> <p>vv) abriam-se as suas grandes folhas,</p>	<p>gg) e diziam-lhe:</p> <p>hh) Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem para conduzir,</p> <p>ii) pobres. Por vezes</p> <p>jj) Quanto à grande carruagem</p> <p>kk) Pobre Zé,</p> <p>ll) Uma tarde, sentou-se à beira do lago com o seu bode, como de costume. Todos os miúdos</p> <p>mm) lago, ouviu as árvores a sussurrar por trás dele</p> <p>nn) a alongar, a alongar,</p> <p>oo) habitava algum cigano errante</p> <p>pp) até o sol se esconder para além de onde a vista conseguia alcançar.</p> <p>qq) junto ao sítio onde ele estava sentado,</p> <p>rr) vir do nada</p> <p>ss) – Oh Zé</p> <p>tt) todos à tua espera. Então pôs-se em pé e entrou no barco,</p> <p>uu) ao passar,</p>	<p>gg) e diziam-lhe:</p> <p>hh) Mas tu tens a tua tia, a senhora alta, a grande casa para viver, e a carruagem para conduzir,</p> <p>ii) pobres. Por vezes</p> <p>jj) Quanto à grande carruagem</p> <p>kk) Pobre Zé,</p> <p>ll) Uma tarde, sentou-se à beira do lago com o seu bode, como de costume. Todos os miúdos</p> <p>mm) lago, ouviu as árvores a sussurrar por trás dele</p> <p>nn) a alongar, a alongar,</p> <p>oo) habitava algum cigano errante</p> <p>pp) até passar o pôr-do-sol e se esconder para além onde a vista o conseguia seguir.</p> <p>qq) junto ao sítio onde ele estava sentado,</p> <p>rr) vir do nada</p> <p>ss) – Oh Zé</p> <p>tt) todos à tua espera. Então pôs-se em pé e entrou no barco,</p> <p>uu) ao passar,</p>
--	---	--	---

<p>continuou e continuou ww) brilhantes; ele limitou-se xx) lábios pintados, de repente yy) pintadas, ele continuava zz) chamou pela sua irmã: aaa) Estou a tua espera, estás aí? E tal como estava a espera ouviu a voz da Carolina a responder desde o fundo da cidade dos brinquedos: bbb) e a abanou a sua mão. ccc) com serrim ddd) por mim e assim eee) baixo a pálida lua, fff) deixou-se dormir, ggg) a espera dele hhh) chegou cá iii) e o serrim jjj) depois viu ao Zé e à Carolina aparecerem.</p> <p>kkk) o recheado lll) e os beijou, mmm) ia cantar de alegria.</p>	<p>continuou e continuou ww) brilhantes mas ele xx) pintados. De repente yy) pintadas, mas ele continuava zz) chamou pela sua irmã: aaa) Estou à tua espera, estás aí? E tal como estava a espera ouviu a voz da Carolina a responder desde o fundo da cidade dos brinquedos: bbb) e a abanou a sua mão. ccc) com serrim ddd) mim. Só assim eee) baixo a pálida lua, fff) se deixou dormir, ggg) à espera dele hhh) chegou cá iii) e o serrim jjj) depois viu ao Zé e a Carolina aparecerem.</p> <p>kkk) o recheio lll) e beijou-os, mmm) ia cantar de alegria.</p>	<p>vv) abriam as suas grandes folhas, e continuou por ww) brilhantes mas ele xx) pintados. De repente yy) pintadas, mas ele continuava zz) chamou pela irmã: aaa) Estou à tua espera, estás aí? E tal como esperava, ouviu a voz da Carolina a responder do fundo da cidade dos brinquedos: bbb) e acenou com a sua mão. ccc) com serradura ddd) mim. Só assim eee) debaixo da pálida lua, fff) se deixou dormir, ggg) à espera dele hhh) chegou aqui, iii) e a serradura jjj) depois viu o Zé e a Carolina aparecerem. kkk) o recheio lll) e beijou-os, mmm) ia saltar de alegria.</p>	<p>vv) abriam as suas grandes folhas, e continuou por ww) brilhantes, mas ele xx) pintados. De repente yy) pintadas, mas ele continuava zz) chamou pela irmã: aaa) Estou à tua espera, estás aí? E tal como esperava, ouviu a voz da Carolina a responder do fundo da cidade dos brinquedos: bbb) e acenou com a sua mão. ccc) com serradura ddd) mim. Só assim eee) debaixo da pálida lua, fff) se deixou dormir, ggg) à espera dele hhh) chegou aqui, iii) e a serradura jjj) depois viu o Zé e a Carolina aparecerem. kkk) o recheio lll) e beijou-os, mmm) ia saltar de alegria.</p>
---	---	---	--

nnn) que só será a metade de doce do ooo) que só aprende-se com amor e cantam aqueles que nos amam.	nnn) que só será a metade de doce do que ooo) que só aprende-se com amor e cantam aqueles que nos amam.	nnn) que só terá metade da doçura ooo) só se aprende com amor, quando é cantada por aqueles que nos amam.	nnn) que só terá metade da doçura ooo) só se aprende com amor, quando é cantada por aqueles que nos amam.
---	---	--	--

3. ANÁLISE CRÍTICA DAS TRADUÇÕES

Recordando que o objectivo último da presente dissertação é interligar o Bilinguismo com os Estudos de Tradução, neste capítulo, a partir do quadro apresentado no subcapítulo 2.5., iremos especificar e analisar as interferências linguísticas e culturais que podem surgir numa tradução com o objectivo de tentar obter uma ferramenta de trabalho útil a outros tradutores, permitindo-lhes tomar decisões e fazer escolhas da forma mais fundamentada possível.

Uma vez concluído o trabalho de tradução, tendo em conta os aspectos teóricos atrás mencionados e procurando sempre ser cuidadosos e críticos em relação ao mesmo, não será redundante lembrar que a língua materna da tradutora (bilingue) é o espanhol e, portanto, aquela assumiu o seu estatuto de mediadora entre três línguas: o inglês (a língua de partida), o português (a língua de chegada) e o espanhol.

Como constatámos no capítulo 2, a tradução apresentada em versão final seguiu procedimentos muito próprios, que incluíram, entre outros, dois processos de revisão, um realizado pela própria tradutora e outro por uma pessoa cuja língua materna é o português. Assim, a primeira revisão teve como objectivo identificar os erros e as interferências linguístico-culturais espanholas, indicadas no quadro apresentado no subcapítulo 2.5. Este primeiro levantamento, baseado apenas nas interferências da língua e da cultura espanholas detectadas pela tradutora, permitiu-nos chegar a várias conclusões. Desde logo, verificámos que, por vezes, as interferências decorrem claramente da influência da língua de partida. Assim, numa primeira revisão as alterações realizadas dizem respeito à pontuação, como são os casos das alíneas, b), e), f), p), r), u), ee), ff), ii), ww), xx) e ddd). Podemos, ainda, observar que a língua espanhola actua como intermediária, pois as ingerências detectadas são de cariz gramatical, de que são exemplo as alíneas a), l), o), s), aa), cc), gg), jj), ss), tt), aaa), fff) ggg), jjj), kkk) e lll). Embora a alínea mm) possa ser integrada nas interferências gramaticais, verificámos que as modificações realizadas pela tradutora decorrem sobretudo de uma opção de cariz estilístico.

Em seguida, procedeu-se à identificação e consequente alteração das referidas interferências, sendo o texto posteriormente revisto por um falante nativo da língua portuguesa, sem acesso ao texto de partida. Nesta fase, pretendia-se identificar outras eventuais interferências que não tivessem sido detectadas pela tradutora e, ao mesmo

tempo, assinalar a estranheza que alguns vocábulos ou expressões pudessem vir a causar no público leitor alvo. Esta segunda revisão permitiu-nos chegar a conclusões não menos curiosas. A interferência da língua de mediação (o espanhol) pode, por vezes, propiciar a escolha de estruturas frásicas ou de vocábulos menos frequentes na língua de chegada (o português), provocando, assim, alguma estranheza no público-alvo. Tal se verifica nos exemplos apresentados nas alíneas c), e), l), m), n), o), t), aa), bb), kk), ll), mm), oo), pp), qq), rr), aaa), bbb), ccc), iii) e nnn). Nesta fase da revisão, foram igualmente detectadas interferências gramaticais de que são exemplo as alíneas g), h), s), w), x), z), dd), nn), uu), vv), zz) eee), jjj) e ooo).

É evidente que o corrector ortográfico, ferramenta do sistema operativo Windows, ajuda a identificar erros de carácter ortográfico, alguns problemas gramaticais e determinadas interferências fonéticas, tornando-se uma ferramenta muito útil ao trabalho do tradutor. No entanto, como defende Vladimir Ivir (1998: 36-42), o tradutor, só se apercebe verdadeiramente das interferências da sua língua e cultura (no caso a espanhola) quando confrontado com a alteridade. As alíneas que surgem adiante no quadro do subcapítulo 3.1.4. constituem, neste âmbito, exemplos paradigmáticos.

Numa fase final do processo tradutório, fizeram-se as modificações necessárias para obter a versão final do texto de chegada. Importa referir que a maior parte das sugestões da última revisão foram aceites pela tradutora, à excepção dos casos apresentados nas alíneas l) e pp) por se tratar de alvites de cariz estilístico. Mantiveram-se, assim, as propostas apresentadas na revisão levada a cabo pela tradutora, uma vez que aquelas não são susceptíveis de provocar qualquer estranheza junto do público leitor alvo.

Tal como Vladimir Ivir (1998:36-42) também defende, para podermos identificar as interferências linguístico-culturais, temos que ser confrontados com elas. Trata-se, na verdade, de um processo que não é linear porque não só uma mesma interferência pode surgir em situações muito diferentes, mas também se torna praticamente impossível circunscrever um tipo de interferência apenas a uma categoria. Deste modo, para facilitar a análise das múltiplas interferências detectadas na tradução, dividimo-las, por uma questão metodológica, em interferências linguísticas (lexicais, sintácticas e fonéticas) e culturais, as quais serão apresentadas por esta ordem. Neste contexto, deve recordar-se que, por vezes, uma mesma interferência pode ser classificada em vários tipos, coexistindo, portanto, em diferentes locais da tabela.

As interferências sintáticas incluem as ordens de palavras das frases, a concordância entre os seus elementos, a morfologia flexional nominal, adjectival e verbal, a existência ou ausência de sujeitos, de artigos ou de possessivos, as características fonológicas e, ainda, as propriedades semânticas das frases. Na informação relativa ao léxico incluímos a forma fonética/gráfica, a categoria gramatical e a semântica das palavras e das locuções. As interferências culturais tornam-se mais difíceis de classificar, uma vez que nelas coexistem elementos de índole gramatical, lexical ou semântico. Face a estas dificuldades, consideramos adequada a classificação que se segue no subcapítulo seguinte.

3.1 Tabela de Análise das Interferências Linguísticas e Culturais

3.1.1 Linguísticas

3.1.1.1 Lexicais

TIPO	Texto de Partida	Texto de Chegada	Interferências da Língua Materna da Tradutora (espanhol)
<u>Semânticas</u>	<p>a) when you were wiser and stronger</p> <p>b) on the top of her head she wore a white cap</p> <p>c) she over-wound her very big doll</p> <p>d) the winding-up key out of the doll's side than it blinked its eyes,</p> <p>e) took Apple-blossom by the hand, saying (ver)</p> <p>f) took Apple-blossom by the hand, saying</p>	<p>a) nos sentimos ajuizados e com forças</p> <p>b) no topo da cabeça trazia um chapéu branco</p> <p>c) magoou a sua enorme boneca</p> <p>d) a boneca mostrou o seu lado malvado, pestanejou,</p> <p>e) fixou o rosto da Carolina</p> <p>f) e segurando na sua mão, disse</p>	<p>a) nos sentimos com juízo e com forças</p> <p>b) no topo da cabeça levava um chapéu branco</p> <p>c) aleijou a sua enorme boneca</p> <p>d) a boneca mostrou o seu lado malvado, pestaneou,</p> <p>e) fixou o rosto da Carolina</p> <p>f) e assegurando na sua mão, disse</p>

	<p>g) wondering what tasks had been set them to do since they fashioned the little goat.</p> <p>h) he looked after them longingly</p> <p>i) the foxglove was dead</p> <p>j) He saw her a long way off, and waved his hand.</p> <p>k) they were stuffed with sawdust.</p> <p>l) the wire spring and the sawdust will have vanished</p>	<p>g) perguntando-se que outras coisas teriam feito depois daquele pequeno bode.</p> <p>h) e observava à distância</p> <p>i) viu também a campainha morta</p> <p>j) Viu-a ao longe e acenou com a sua mão.</p> <p>k) lhe tinham enchido os braços com serradura.</p> <p>l) a mola e o recheio desapareceram</p>	<p>g) perguntando-se que outras coisas teriam feito desde aquele pequeno bode.</p> <p>h) e observava desde a distância</p> <p>i) viu também a dedaleira morta</p> <p>j) Viu-a ao longe e abanou a sua mão.</p> <p>k) lhe tinham enchido os braços com serrim.</p> <p>l) a mola e o rechiado desapareceram</p>
--	---	---	---

TIPO	Texto de Partida	Texto de Chegada	Interferência da Língua Materna da Tradutora (espanhol)
<u>Funcionais</u>	<p>a) under his arm</p> <p>b) but of someone else</p> <p>c) that she wanted to be alone</p> <p>d) to whom he could have carried home nuts</p> <p>e) as usual</p> <p>f) that was a ruin and only lived in now and then by a stray gipsy</p> <p>g) answering from the back of the toy-town—</p> <p>h) and then I can come home again</p> <p>i) that gathered round, beneath the pale moon,</p> <p>j) That is how he came to be here</p> <p>k) her will stand Willie and Apple-blossom.</p>	<p>a) debaixo do seu braço</p> <p>b) mas sim numa outra pessoa</p> <p>c) queria ficar sozinha</p> <p>d) a quem pudesse levar nozes</p> <p>e) como de costume</p> <p>f) em ruínas em que por vezes habitava algum cigano</p> <p>g) a responder do fundo da cidade dos brinquedos</p> <p>h) Só assim poderei voltar para casa novamente</p> <p>i) havia ao redor, debaixo da pálida lua,</p> <p>j) E foi assim que chegou aqui</p> <p>k) viu o Zé e a Carolina</p>	<p>a) por baixo do seu braço</p> <p>b) mas sim em uma outra pessoa</p> <p>c) queria estar sozinha</p> <p>d) para quem pudesse levar nozes</p> <p>e) como era costume</p> <p>f) em ruínas, que por vezes habitada por algum cigano</p> <p>g) a responder desde o fundo da cidade dos brinquedos</p> <p>h) Só assim poderei voltar a casa novamente</p> <p>i) havia ao redor, baixo a pálida lua,</p> <p>j) E foi assim que chegou cá</p> <p>k) viu ao Zé e à Carolina</p>

3.1.1.2. Sintáticas

Texto de Partida	Texto de Chegada	Interferências da Língua Materna da Tradutora (espanhol)
<p>a) and when Willie asked her</p> <p>b) “No, dear, no, I can't remember;</p> <p>c) Sometimes she would take his face between her two hands</p> <p>d) Willie felt quite sure</p> <p>e) took Apple-blossom by the hand, saying,</p> <p>f) After Apple-blossom left him,</p> <p>g) and put it under his arm every morning while he went along the street.</p> <p>h) "Yes, dame, I will," he answered</p>	<p>a) quando o Zé lhe perguntava</p> <p>b) Não querido, não me consigo lembrar;</p> <p>c) Por vezes, ela segurava a cara do Zé nas suas mãos</p> <p>d) o Zé tinha quase a certeza</p> <p>e) e segurando na sua mão, disse:</p> <p>f) Depois da Carolina se ir embora</p> <p>g) e a pô-lo, todas as manhãs, debaixo do braço enquanto caminhava pela rua.</p> <p>h) Sim senhora, assim farei, respondeu</p>	<p>a) quando o Zé a perguntava</p> <p>b) Não querido, não consigo me lembrar;</p> <p>c) Por vezes, ela assegurava a sua cara com as suas mãos</p> <p>d) o Zé tinha quase certeza</p> <p>e) assegurou na mão da Carolina e disse:</p> <p>f) Depois da Carolina ir embora</p> <p>g) e a pô-lo, cada manhã, por baixo do seu braço enquanto caminhava pela rua.</p> <p>h) Sim senhora, assim o farei, respondeu</p>

<p>i) He stayed all day in the woods helping the children to gather nuts and blackberries.</p> <p>j) In the afternoon he watched them go home</p> <p>k) he told the children how happy they were to live in a cottage with the door open all day,</p> <p>l) All the childrens</p> <p>m) just as if it were waiting for him.</p> <p>n) So he got up and stepped into the boat</p> <p>o) open on their great wide leaves</p> <p>p) Slowly and slowly the pond lengthened out and out, stretching away</p>	<p>i) O Zé ficava todo o dia na floresta a ajudar os miúdos a apanhar nozes e amoras.</p> <p>j) Na parte da tarde via-os ir para casa</p> <p>k) o Zé dizia aos outros miúdos como seria feliz a viver numa cabana com a porta aberta durante todo o dia,</p> <p>l) Todos os miúdos</p> <p>m) como se estivesse à sua espera</p> <p>n) Então pôs-se em pé e entrou no barco</p> <p>o) enquanto abriam as suas grandes folhas,</p> <p>p) Vagarosamente, o lago começou a alongar, a alongar, estreitando o seu leito</p>	<p>i) O Zé ficava o dia todo na floresta a ajudar aos miúdos a apanhar nozes e amoras.</p> <p>j) Na parte da tarde os via ir para casa</p> <p>k) o Zé dizia aos outros miúdos o feliz que seria a viver numa cabana com a porta aberta durante o dia todo,</p> <p>l) Os miúdos todos</p> <p>m) como se estivesse a sua espera</p> <p>n) Então se pus em pé e entrou no barco</p> <p>o) enquanto abriam-se as suas grandes folhas,</p> <p>p) Vagarosamente, o lago começou a alongar e alongar, estreitando o seu leito</p>
---	--	--

<p>q) But the dolls had crowded up behind, so that he might not turn his boat round.</p> <p>r) He was very tired and had fallen asleep</p> <p>s) Then the tall aunt will look at them both and kiss them,</p> <p>t) that is half so sweet as the song we sometimes sing in our hearts</p> <p>u) a song that is learnt by love</p>	<p>q) As bonecas estavam a aproximar-se por trás, pelo que não podia virar o seu barco.</p> <p>r) Ele estava tão cansado que se deixou dormir</p> <p>s) A alta tia olhou para eles e beijou-os,</p> <p>t) que só terá metade da doçura da música que é cantada nos vossos corações</p> <p>u) uma música que só se aprende com amor</p>	<p>q) As bonecas estavam-se a aproximar por trás, pelo que não podia virar o seu barco.</p> <p>r) Ele estava tão cansado que deixou-se dormir</p> <p>s) A alta tia olhou para eles e os beijou,</p> <p>t) que só será a metade de doce do que a música que é cantada nos vossos corações</p> <p>u) uma música que só aprende-se com amor</p>
--	---	---

3.1.1.3 Fonéticas³⁰

Texto de Partida	Texto de Chegada	Interferências da Língua Materna da Tradutora (espanhol)
<p>a) we cannot go to inquire</p> <p>b) wiser and stronger</p> <p>c) The tall aunt had a very long neck; on the top of it was her head,</p> <p>d) but a strange thing had happened to her</p> <p>e) Are you ready, Willie?</p> <p>f) so that he might not turn his boat round</p> <p>g) blue eyes</p> <p>h) he looked after them longingly</p> <p>i) but still he loved it dearly</p> <p>j) Sometimes</p>	<p>a) perguntar</p> <p>b) forças</p> <p>c) pescoço</p> <p>d) estranho/a</p> <p>e) Oh Zé, estás pronto?</p> <p>f) pelo que não podia</p> <p>g) olhos azúis</p> <p>h) observava à distância</p> <p>i) mas continuava a mimá-lo muito</p> <p>j) Às vezes / à tua espera</p>	<p>a) preguntar</p> <p>b) forzas (fuerzas)</p> <p>c) pescozo (pescuezo)</p> <p>d) extranho (extraño)</p> <p>e) O Zé, estás pronto?</p> <p>f) pelo que no podia</p> <p>g) olhos azuis (azules)</p> <p>h) observava à distancia</p> <p>i) mas continuava a mima-lo muito</p> <p>j) vezes / a tua espera</p>

³⁰ Em consequência do uso do corrector ortográfico do *Word*, as interferências fonéticas surgem com menos frequência. Deste modo, os dados que surgem neste quadro resultam do um registo do que foi sendo detectado ao longo do acto tradutório.

3.1.2 Culturais

Texto de Partida	Texto de Chegada	Interferências da Língua Materna da Tradutora (espanhol)
<p>a) Every morning</p> <p>b) how merry he would have been</p> <p>c) and only lived in now and then by a stray gipsy or a tired tramp</p> <p>d) and one stopped quite close to where he sat</p> <p>e) A voice that seemed to come from nowhere asked—</p> <p>f) He looked at the rushes as the boat cut its way through them</p> <p>g) All along the shore there were hundreds and hundreds of dolls</p> <p>h) Just as he had expected</p>	<p>a) Todas as manhãs</p> <p>b) quão satisfeito ele teria ficado</p> <p>c) habitava algum cigano errante ou um vagabundo cansado</p> <p>d) e um deles parou mesmo junto ao sítio onde o Zé estava sentado</p> <p>e) Uma voz que parecia vir do nada, perguntou:</p> <p>f) Olhava para os juncos que o barco cortava ao passar</p> <p>g) Ao longo de toda a margem havia centenas e centenas de bonecas</p> <p>h) E tal como esperava</p>	<p>a) Cada manhã</p> <p>b) quão satisfeito não ficaria</p> <p>c) habitava algum cigano errante ou um cansado vagabundo</p> <p>d) e um deles parou mesmo onde Zé estava sentado</p> <p>e) Uma voz que parecia vir de lado nenhum, perguntou:</p> <p>f) Olhava para os juncos que o barco cortava ao seu passo</p> <p>g) Ao longo da margem havia centos e centos de bonecas</p> <p>h) E tal como estava a espera</p>

3.2. Análise Crítica das Interferências

Uma vez realizado o levantamento das interferências linguístico-culturais detectadas, passaremos à análise crítica do(s) modo(s) de interacção das três línguas envolvidas em todo o processo. Constataremos que o resultado final dependeu justamente da interferência das três línguas e não apenas da de partida (inglês) e de chegada (português). A análise crítica das interferências seguirá a ordem pela qual aparecem atrás classificadas.

No respeitante às interferências lexicais, muitos e diversos foram os exemplos encontrados ao longo do acto tradutório. Optámos, assim, por dividir o léxico no âmbito da semântica e no âmbito funcional, uma vez que o nosso objectivo foi identificar as interferências com o intuito de criar uma ferramenta útil a futuros trabalhos quer de análise crítica de traduções quer de actividade tradutória. Considerámos interferências semânticas, os casos em foi usado um vocábulo em detrimento de outro tanto pelo significado, forma ou frequência de uso como pela adequação, podendo causar alguma estranheza ou até alterações de sentido. Os exemplos expostos na tabela do subcapítulo 3.1.1.1. representam, neste contexto, uma amostragem significativa. Assim, podemos observar que nos casos apresentados nas alíneas c), d), g), i), j), k) e l) surge uma palavra, que, embora correcta, ou não é usada com frequência na língua de chegada ou não adquire o sentido mais adequado no contexto em que se insere. Nos exemplos das alíneas e) e f), que poderiam, aliás, constituir também objecto de interferência fonética, observamos que, embora gráfica e foneticamente, o vocábulo escolhido seja similar à palavra que acabámos por considerar mais apropriada na língua de chegada, o significado do primeiro não se ajusta ao contexto.

As líneas a), b) e h) da tabela do mesmo subcapítulo representam, cada uma delas, um caso diferente. Na primeira, embora o significado do vocábulo, ou até da frase onde está inserido, seja o mesmo, a classe da palavra é diferente, proporcionando, assim, uma leitura mais natural do texto. Na alínea b), verifica-se que o uso do verbo “trazer” é mais natural do que o “levar”, embora este último também transmita a ideia de transportar o objecto. Por último, no exemplo oferecido na alínea h), podemos observar que se trata da mesma classe de palavras, embora a

estrutura frásica requeira o uso de “desde” para obter uma expressão mais natural e próxima da língua de chegada. Deve notar-se que estes três exemplos seriam facilmente enquadráveis, neste mesmo subcapítulo, na secção das interferências lexicais de âmbito funcional, devido à sua nuance gramatical.

No contexto das interferências lexicais de âmbito funcional, em que incluímos o aparecimento ou desaparecimento de categorias, funções e género, as interferências detectadas parecem não ter sido muito influenciadas pela língua de partida, mas antes pela língua materna da tradutora, pois algumas características da língua espanhola condicionaram, em grande medida, o texto de chegada. A substituição, a omissão ou o aparecimento de algumas preposições, tal como se pode constatar nos exemplos apresentados nas alíneas a), b), d), e), f), g), h), i) e k), desta tabela, foram procedimentos recorrentes. Nas alíneas c), e) e j), o tipo de palavra, a sua função, os verbos auxiliares *ser*, *estar* e *ter* e, neste último caso, o uso do determinante, foram usados de forma inadequada devido ao peso da língua materna da tradutora. Assim, no primeiro caso, o verbo escolhido foi o *estar*, o correspondente directo no texto de partida, enquanto nos últimos exemplos surge o chamado fenómeno de hiper correcção, em que foram corrigidas estruturas correctas.

No caso das interferências sintácticas, relativas à ordem dentro da estrutura frásica e classificadas na tabela do subcapítulo 3.1.1.2., os procedimentos mais recorrentes foram a omissão, a adição ou a substituição dos pronomes clíticos, opções claramente determinadas pela língua materna da tradutora, tal como se pode constatar nos exemplos das alíneas a), b), h), j), n), o), q), r), s) e u). Outros exemplos evidenciam a troca na ordem dos adjectivos, como se verifica nas alíneas i), k) e l). Contudo, deve assinalar-se que na língua espanhola (tal como na portuguesa) essa troca pode ser considerada, em alguns casos, um recurso estilístico usado com o objectivo de conferir mais ênfase à informação a transmitir. Embora os exemplos apresentados nas alíneas c), f), g), i) k), p) e t), pudessem ter sido inseridos na tabela do subcapítulo 3.1.1.1., na secção das interferências lexicais do âmbito funcional, julgámos mais adequado incluí-los aqui devido não só ao facto de evitarem causar estranheza no leitor, mas também por se adequarem sintacticamente ao texto. Ainda no respeitante às interferências sintácticas, constatámos que a língua de partida, por vezes reforçada pelo espanhol, influenciou o desfecho final, como se verifica nas

alíneas d), e), f) e n) em que a estrutura sintáctica da língua de partida (o inglês) e a estrutura sintáctica da língua mediadora (o espanhol) provocam uma interferência na estrutura sintáctica “natural” da língua de chegada (o português), causando estranheza no leitor alvo. Importa ainda referir, que a sintaxe do português admite diferentes ordens de palavras, como o adjectivo à direita ou à esquerda do nome, o sujeito à esquerda ou à direita do verbo, e permite, ainda, omitir o sujeito (= sujeito nulo ou implícito) ou o possessivo no sintagma nominal, embora neste ocorra sempre o determinante, ao contrário do que acontece no espanhol e no inglês. Seguem-se alguns exemplos retirados da versão final:

- (1) grande casa -- casa grande
- (2) A sua alta tia tinha um longo pescoço. -- A (sua) tia alta tinha um pescoço comprido
- (3) (Ela) gostava muito do Zé
- (4) Por vezes, (ela) segurava a cara do Zé nas (suas) mãos e olhava para ele, ...
- (5) Finalmente, (ela) beijava-o e ao sair rapidamente (ela) disse: -- Querido, vai à floresta, não é bom para ti ficares com uma velha como eu! Ele, como sabia que a tia queria ficar sozinha, pegava no (seu) bode e desaparecia.
- (6) O Zé tinha uma pequena irmã, -- O Zé tinha uma irmã pequena,
- (7) magoou a sua enorme boneca -- magoou a sua boneca enorme

Os exemplos (1), (2), (6) e (7) representam a possibilidade de mudanças na ordem das palavras. Os exemplos (2), (3), (4) e (5) demonstram a possibilidade de omitir o sujeito (= sujeito nulo ou implícito) e o possessivo no sintagma nominal. Ainda neste ponto, devemos referir as diferenças quanto à posição que os pronomes clíticos assumem na estrutura sintáctica das línguas em contacto neste trabalho, como já foi aludido no capítulo 1 desta dissertação³¹ e de que a alínea j), na tabela do subcapítulo 3.1.1.2., constitui exemplo.

De facto, a sintaxe constitui, porventura, o campo linguístico mais difícil de aperfeiçoar pela tradutora, uma vez que se trata de algo aprendido de uma forma

³¹ *Supra* pp. 6-27 do presente trabalho.

intuitiva pelos falantes nativos de uma língua, os quais, por essa razão, conferem pouca importância às regras. Deste modo, também de forma quase intuitiva, a tradutora tendeu a aplicar o que adquirira através da língua materna. Como a sintaxe apresenta diferenças assinaláveis entre as regras gramaticais que regem as diferentes línguas (nomeadamente o inglês, o português e o espanhol), a tradutora viu a sua tarefa muito dificultada neste âmbito. Convém, no entanto, recordar, a este propósito, que não há unanimidade, entre os teóricos, sobre a possibilidade de a gramática (onde se inclui a sintaxe) ser ou não influenciável por línguas que entram em contacto, aspecto já aludido no capítulo 1 da presente dissertação³². Os casos aqui apresentados não pretendem obviamente resolver o problema, mas, antes, servirem como exemplo concreto das interferências detectadas resultantes do contacto das línguas intervenientes no acto tradutório.

Devido às ferramentas de trabalho hoje disponíveis a qualquer tradutor, as interferências fonéticas, apresentadas no subcapítulo 3.1.1.3., tornaram-se mais fáceis de identificar no decorrer do próprio acto tradutório, raramente aparecendo, portanto, no texto de chegada. Estas interferências dizem respeito à interpretação e à produção sonora ou à imagem gráfica da palavra ou, ainda, de alguns sons que fazem parte do vocábulo. Constituem exemplos desta apreciação os casos apresentados nas alíneas de a) a f) da tabela deste subcapítulo. Os sons mais comumente alterados são transcritos pelas letras s, ss, z, c e x. O caso apresentado na alínea f), “pelo que no podia”, constitui, neste âmbito, um exemplo paradigmático, sendo que a própria imagem gráfica e o significado da partícula de negação espanhola não causam estranheza à tradutora. Quanto à acentuação, nos exemplos g), h), i) e j) verifica-se que o erro decorre da aplicação das normas de acentuação da língua materna da tradutora.

Embora as interferências linguísticas analisadas até agora abarquem uma componente de cariz cultural, uma vez que decorrem também da influência, quer da cultura de partida, quer da cultura espanhola, optámos por agrupar as interferências culturais na tabela apresentada no subcapítulo 3.1.2. De facto, os exemplos aqui identificados são constituídos por frases, que, de um modo geral, têm uma estrutura específica em qualquer uma das três línguas em contacto. Os casos mais óbvios

³² *Supra* pp. 6-27 do presente trabalho.

encontram-se, a nosso ver, nas alíneas a), d), e), g) e h). No exemplo apresentado em c), o qual, aliás, foi também incluído nas interferências sintáticas, recorreu-se ao adjectivo-sujeito para conferir ênfase ou até para alterar o significado e/ou a intencionalidade da frase. A este propósito, vale a pena citar as palavras de Mario Benedetti:

En el cuento hay que ir palabra por palabra. Cada palabra es fundamental. Hay palabras que hacen un cuento. Un adjetivo puede cambiar todo un cuento. Rulfo siempre decía que la mejor forma de autocensura es el hacha. Eso vale, sobre todo, para los adjetivos³³ (Mora 1994: 13).

As interferências culturais detectadas ao longo do acto tradutório fazem referência a aspectos aplicáveis ao âmbito linguístico, isto é, a estruturas sintáticas usadas com maior regularidade ou a expressões e vocábulos susceptíveis de criar estranheza no público leitor alvo. Embora, nos casos em apreço, a tomada de decisões decorrente do acto tradutório tivesse como objectivo uma maior adequação do texto ao sistema cultural de chegada, quer o tradutor quer a tradução receberam a influência das culturas intervenientes no processo. Tais interferências, contudo, só se tornaram visíveis após uma análise cuidada do trabalho. No final deste processo de observação e de análise crítica, podemos verificar, desde logo, que língua e cultura andam “de mãos dadas”, sendo indissociáveis, sobretudo quando nos referimos a línguas (e, portanto, a culturas) em contacto. Consideramos, assim, da maior importância o papel desempenhado pelo(a) tradutor(a) e a sua especificidade, nomeadamente no respeitante ao bilinguismo, enquanto objecto de estudo no âmbito da área disciplinar designada por Estudos de Tradução.

Embora tenhamos considerado oportuno dividir as interferências em diferentes categorias, tornou-se claro, ao longo deste capítulo, que em cada uma delas poderíamos incluir a dimensão cultural. As palavras de Mario Benedetti, atrás citadas, resumem, em grande medida, esta problemática, pois levam-nos a reconhecer que pequenas diferenças, que até podem parecer insignificantes, têm a

³³ “No conto devemos ir palavra a palavra. Cada palavra é fundamental. Há palavras que formam um conto. Um adjectivo pode mudar um conto. Rulfo dizia sempre que a melhor forma de autocensura é o machado. Isto é válido sobretudo para os adjectivos”(tradução nossa).

capacidade de mudar por completo o sentido de um texto. As mesmas palavras de Benedetti também poderiam ser evocadas no âmbito das linhas teóricas que têm vindo a definir os Estudos de Tradução, no tocante ao reconhecimento não só de um novo estatuto para o(a) tradutor(a), mas também da tradução entendida como “facto da cultura alvo”, na feliz expressão de Gideon Toury (1995:24). De facto, as decisões (de cariz linguístico-cultural) por ele(a) tomadas ao longo do acto tradutório determinam o resultado final da tradução, tendo sempre em vista o público e o sistema de chegada.

CONCLUSÃO

Assumindo o nosso estatuto de tradutora bilingue, pretendemos, com este trabalho, estabelecer uma relação, em grande medida inovadora, entre os Estudos de Tradução e as Teorias do Bilinguismo e trazer novas ferramentas de trabalho porventura úteis a futuros tradutores. Para isso, optámos pela tradução (para português) de um texto escrito originalmente em inglês, num processo em que intervieram, portanto, três línguas: a de partida (o inglês), a de chegada (o português) e a mediadora (o espanhol).

Defendemos, a par de muitos especialistas em Estudos de Tradução, que língua e cultura se encontram interligadas, se influenciam mutuamente, sendo até indissociáveis quando postas em contacto. A tradução representa, assim, um processo no qual interagem línguas e culturas, o que confere grande relevância ao tradutor enquanto mediador (inter)cultural. Deste modo, partindo do pressuposto de que uma tradução não cuida apenas de encontrar um equivalente linguístico ou de transpor vocábulos de uma língua para outra, mas visa também, e sobretudo, transmitir uma mensagem, uma ideia ou um sentido, cabe justamente ao tradutor desempenhar o papel de mediador entre duas (ou mais) culturas. Nesta tessitura multilingue e multicultural, marca, aliás, da globalização e da pós-modernidade, em que actividade tradutória tem vindo a alcançar uma posição cada vez mais proeminente, o tradutor vê-se obrigado a procurar os instrumentos necessários a um desempenho eficaz da sua tarefa.

A tentativa de identificação dos problemas (interferências linguísticas e culturais) ocorridos no acto tradutório, assim como a adopção de determinadas estratégias para os tentar resolver, acabaram por nos levar a encontrar um conjunto de ferramentas de grande utilidade quer para a nossa actividade de tradutor(a) bilingue quer para análise crítica do(s) texto(s) de chegada. Durante todo o processo tivemos em conta não só as orientações de Vladimir Ivir, mas também os contributos de outros teóricos de renome como James S. Holmes, Itamar Evan-Zohar, Gideon Toury, Susan Bassnett, André Lefevere, Andrew Chesterman, Wolfgang Lörcher, Katharina Reiss ou Lawrence Venuti. No respeitante à classificação das

interferências procurámos também seguir as propostas de Uriel Weinreich, Antoine Meillet, Edward Sapir ou Hugo Schuchardt.

Neste momento de reflexões finais, defendemos que o bilinguismo é uma característica inerente ao tradutor, cujo labor muitas vezes não se limita ao trabalho com duas línguas/culturas, mas envolve diversos outros vectores intervenientes num, não raro complexo, processo tradutório. No estudo de caso em apreço, verificámos que a língua/cultura materna da tradutora, o espanhol, condicionou de forma indelével as decisões tomadas ao longo do acto tradutório, reflectindo-se claramente nas interferências encontradas. Por outro lado, constatámos que, embora em menor grau, a língua/cultura de partida (o inglês) também esteve na origem de algumas das interferências detectadas. Concluímos, assim, que as línguas e as culturas intervenientes num acto tradutório poderão ter um maior ou menor impacte consoante a posição e a importância que cada uma delas assume em todo o processo.

Assim, por exemplo, quanto maior é a proximidade de duas línguas, tanto mais a natureza das interferências se aproxima dos aspectos estruturais, que classificámos como interferências sintácticas. Neste caso, verificámos que a aprendizagem e a aplicação de normas se realizaram de forma mais inconsciente, uma vez que a aprendizagem da língua é feita de forma progressiva sendo o próprio falante a fazer os ajustes necessários para se adequar à norma. Por outro lado, no respeitante à escolha do léxico, podemos concluir que o tradutor considerado bilingue se depara com dificuldades acrescidas. Com efeito, como depreendemos da análise das interferências classificadas como lexicais, o tradutor tende a optar por vocábulos que, embora correctos, nem sempre se revelam os mais adequados ao contexto, causando “estranheza” no público leitor alvo. Nestes casos, as opções da tradutora foram claramente influenciadas pela língua materna, o espanhol, e não pela língua do texto de partida.

Quanto às interferências de cariz cultural, entendidas no seu sentido mais amplo (abrangendo questões políticas, económicas ou sociais), podemos concluir que, no caso em apreço, não se revelaram particularmente significativas, pois são também linguísticas. Contudo, deve notar-se que as interferências consideradas culturais adquiriram grande importância na dissertação no seu todo, uma vez que permitiram, pelo seu cariz linguístico, estabelecer a relação almejada entre o

bilinguismo e as ferramentas de trabalho proporcionadas pelos Estudos de Tradução, reforçando, ainda mais, a ligação entre Língua, Cultura e Tradução.

Se os Estudos de Tradução, através dos múltiplos trabalhos publicados, têm ajudado a identificar normas, estratégias e procedimentos inerentes ao acto tradutório, as teorias do Bilinguismo, por seu turno, têm contribuído para a identificação das relações estabelecidas entre duas ou mais línguas num mesmo contexto, facultando, assim, aos tradutores ferramentas de trabalho mais completas. Acreditamos, deste modo, que a dissertação apresentada possa vir a representar não só um contributo para a (re)avaliação do estatuto do tradutor (bilingue), mas também para a crítica da tradução, constituindo, porventura, um ponto de partida para futuros trabalhos de investigação que cruzem as Teorias do Bilinguismo com os Estudos de Tradução.

BIBLIOGRAFIA³⁴

I) Fontes Primárias

Clifford, Lucy. *Very Short Stories & Verses for Childrens*. The Project Gutenberg Ebook, 2009.

II) Fontes Secundárias

1. Estudos de Tadução

Albaladejo, T. “Traducción e Interferencias Comunicativas”. *Hermeneus. Revista de Traducción e Interpretación*, nº 3, 2001:1-11.

Almeida, J.M. Pinto de. *A Transferência Linguística e a Tradução. Barreira à Tradução ou Eficaz Solução Comunicativa*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Junho de 2001.

Baker, Mona. *In Other Words*. London and New York: Routledge, 1992.

Bassnett, Susan. *Estudos de Tradução*. Tradução de Viviana de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003 (1980).

Chesterman, Andrew. *Memes of Translations. The Spread of Ideas in Translation Theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V., 1997.

³⁴ Seguiram-se as normas da versão mais recente do *MLA Style Manual*.

Cruces Colado, S. “El Origen de los Errores en Traducción”. Ed. E. Jiménez Real, D. Pujante y A. Cortijo. *Écrire, Traduire et Représenter la Fête*. València: Universitat de València, 2001: 813-822.

Eres Fernández, G. “La Traducción de Textos Técnicos Español/Português: Interferências e (Ir)Responsabilidades”. *Entreculturas*, nº 1, 2009: 303-316.

Even-Zohar, Itamar. “The Position of Translated Literature within the Literary Polysystem”. *Translation Across Cultures*. New Delhi: Bahri Publications, 1998: 109-117.

Gacvrich, O. *Traducción e Interferencia Lingüística*. Congreso Regional de Ciência y Tecnología. Catamarca, Argentina: Universidad Nacional de Catamarca, 2002.

Hatim, Basil & Jeremy Munday. *Translation: An Advanced Resource Book*. London/New York: Routledge, 2004.

Holmes, James. “Principles of Correspondence. The Name and Nature of Translation Studies”. *Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. London/New York: Routledge, 2000 (1972): 172-185.

Ivir, Vladimir. “Procedures and Strategies for Translation of Cultures”. *Translation Across Cultures*. Ed. Gideon Toury. New Delhi: Bahri Publications, 1998: 48-60.

Lefevere, André. *Translation, History and Culture: a Source Book*. London: Routledge, 1992.

--- *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London/New York: Routledge, 1991.

Lörscher, C.W. "The Translation Process: Methods and Problems of its Investigation". *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, vol. 50, n° 2, 2005, pp. 597-608.

Reis, Katarina. "Type, Kind and Individuality of Text. Decision Making in Translation". *The Translation Studies Reader*. Ed. Lawrence Venuti. London: Routledge, 2000 (1971): 160-171.

Rosman, Abraham and Paula G. Rubel. *Perspectives on Translation and Anthropology*. Oxford/New York: Berg, 2003.

Schäffner, Christina. *Translations and Norms*. Clevedon: Multilingual Matters, 1999.

Steiner, George. *Real Presences*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

Terenas, Gabriela Gândara. "O Estatuto do Tradutor e o Diálogo entre Culturas". *Actas do XI Seminário de Tradução Científica e Técnica em Língua Portuguesa: Tradução e Diálogo Intercultural*. Lisboa, Instituto Franco-Português, 17 de Novembro de 2008. [Lisboa]: Editora União Latina/Publicação em CD-rom, [Novembro de 2009].

Thiery, Christopher. "True Bilingualism and Second-Language Learning". *Language, Interpretation and Communication*. Ed. D. Gerver & H. Sinaiko. New York: Plenum Press, 1978:145-153.

Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

--- "The Notion of 'Assumed Translation' -- An Invitation to a New Discussion". *Letterlijkheid, Woordelijkheid / Literality, Verbality*. Ed. H. Bloemen, E. Hertog and W. Segers. Antwerpen/Harmelen: Fantom, 1995: 135-147.

Vazquez-Ayora, Gerardo. *Introducción a la Traductología*. Georgetown: Georgetown University School of Languages and Linguistics, 1977.

Venuti, Lawrence. *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London: Routledge, 1992.

--- *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. London/New York: Routledge, 1998.

--- *The Translator's Invisibility. A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

--- *The Translation Studies Reader*. London: Routledge, 2000.

2. Estudos de Bilinguismo e de Linguística

Bhatia, T.K. and W. Ritchie. *The Handbook of Bilingualism*. M.A., USA/Oxford, UK/ Victoria, Australia: Blackwell Publishing, 2004.

Bloomfield, Leonard. *Language*. Delhi: Motilal Banarsidass, 2005.

Chomsky, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

Diebold, A. Richard. "Incipient Bilingualism". *Language*. Vol. 37, nº1, 1961, pp. 97-112.

Grosjean, F. *Life With Two Languages: An Introduction to Bilingualism*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

Kaya, Bruce. "The Role of Bilingualism in Translation Activity". *Translation Journal*, vol. 11, nº 1, 2007: <http://accurapid.com/journal/39bilingual.htm>

Mackey, William. "The Description of Bilingualism". *The Bilingualism Reader*. Ed. L. Wei. London: Routledge, 2000: 22:51.

Marouzeau, Jules. *Lexique de la terminologie linguistique. Français – Allemand – Anglais – Italien*. Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1951.

Meillet, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Édouard Champion 1921.

Myers-Scotton, Carol. *Multiple Voices: An Introduction to Bilingualism*. M.A. USA/ Oxford. UK/ Victoria. Australia: Blackwell Publishing, 2006.

Niño-Murcia, Mercedes and M. E. Rothman, J. *Bilingualism and Identity. Spanish at the Crossroads with Other Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1984.

Rizzi, Luigi. *Comparative Syntax and Language Acquisition*. London/New York: Routledge, 2000.

Sapir, Edward. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1921.

Umbrel, Francisco. *Diccionario Cheli*. Barcelona: Grijalbo, 1983.

Wei, L. *The Bilingualism Reader*. London: Routledge, 2000.

Weinreich, U. *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

ANEXOS

ANEXO I: Tabela de Tipos de Bilinguismo

- Achieved bilingual same as late bilingual.
- Additive bilingual someone whose two languages combine in a complementary and enriching fashion.
- Ambilingual same as balanced bilingual.
- Ascendant bilingual someone whose ability to function in a second language is developing due to increased use.
- Ascribed bilingual same as early bilingual.
- Asymmetrical bilingual see receptive bilingual.
- Balanced bilingual someone whose mastery of two languages is roughly equivalent.
- Compound bilingual someone whose two languages are learnt at the same time, often in the same context.
- Consecutive bilingual same as successive bilingual.
- Co-ordinate bilingual someone whose two languages are learnt in distinctively separate contexts.
- Covert bilingual someone who conceals his or her knowledge of a given language due to an attitudinal disposition.
- Diagonal bilingual someone who is bilingual in a non-standard language or a dialecto and an unrelated standard language.
- Dominant bilingual someone with greater proficiency in one of his or her languages and uses it significantly more than the other language(s).
- Dormant bilingual someone who has emigrated to a foreign country for a considerable period of time and has little opportunity to keep the first language actively in use.
- Early bilingual someone who has acquired two languages early in childhood.
- Equi lingual same as balanced bilingual.
- Functional bilingual someone who can operate in two languages with or without full fluency for the task in hand.
- Horizontal bilingual someone who is bilingual in two distinct languages which have a similar or equal status.

- Incipient bilingual someone at the early stages of bilingualism where one language is not fully developed.
- Late bilingual someone who has become a bilingual later than childhood.
- Maximal bilingual someone with near native control of two or more languages.
- Minimal bilingual someone with only a few words and phrases in a second language.
- Natural bilingual someone who has not undergone any specific training and who is often not in a position to translate or interpret with facility between two languages.
- Passive bilingual same as receptive bilingual.
- Primary bilingual same as natural bilingual.
- Productive bilingual someone who not only understands but also speaks and possibly writes in two or more languages.
- Receptive bilingual someone who understands a second language, in either its spoken or written form, or both, but does not necessarily speak or write it.
- Recessive bilingual someone who begins to feel some difficulty in either understanding or expressing him or herself with ease, due to lack of use.
- Secondary bilingual someone whose second language has been added to a first language via instruction.
- Semibilingual same as receptive bilingual.
- Semilingual someone with insufficient knowledge of either language.
- Simultaneous bilingual someone whose two languages are present from the onset of speech.
- Subordinate bilingual someone who exhibits interference in his or her language usage by reducing the patterns of the second language to those of the first.
- Subtractive bilingual someone whose second language is acquired at the expense of the aptitudes already acquired in the first language.
- Successive bilingual someone whose second language is added at some stage after the first has begun to develop.
- Symmetrical bilingual same as balanced bilingual.

- Vertical bilingual someone who is bilingual in a standard language and a distinct but related language or dialect (Wei 2000: 4-5).

ANEXO II: Texto de Partida

MASTER WILLIE

There was once a little boy called Willie. I never knew his other name, and as he lived far off behind the mountain, we cannot go to inquire. He had fair hair and blue eyes, and there was something in his face that, when you had looked at him, made you feel quite happy and rested, and think of all the things you meant to do by-and-by when you were wiser and stronger. He lived all alone with the tall aunt, who was very rich, in the big house at the end of the village. Every morning he went down the street with his little goat under his arm, and the village folk looked after him and said, "There goes Master Willie."

The tall aunt had a very long neck; on the top of it was her head, on the top of her head she wore a white cap. Willie used often to look up at her and think that the cap was like snow upon the mountain. She was very fond of Willie, but she had lived a great many years and was always sitting still to think them over, and she had forgotten all the games she used to know, all the stories she had read when she was little, and when Willie asked her about them, would say, "No, dear, no, I can't remember; go to the woods and play." Sometimes she would take his face between her two hands and look at him well while Willie felt quite sure that she was not thinking of him, but of someone else he did not know, and then she would kiss him, and turn away quickly, saying, "Go to the woods, dear; it is no good staying with an old woman." Then he, knowing that she wanted to be alone, would pick up his goat and hurry away.

He had had a dear little sister, called Apple-blossom, but a strange thing had happened to her. One day she over-wound her very big doll that talked and walked, and the consequence was quite terrible. No sooner was the winding-up key out of the doll's side than it blinked its eyes, talked very fast, made faces, took Apple-blossom by the hand, saying, "I am not your doll any longer, but you are my little girl," and led her right away no one could tell whither, and no one was able to follow. The tall

aunt and Willie only knew that she had gone to be the doll's little girl in some strange place, where dolls were stronger and more important than human beings.

After Apple-blossom left him, Willie had only his goat to play with; it was a poor little thing with no horns, no tail and hardly any hair, but still he loved it dearly, and put it under his arm every morning while he went along the street.

"It is only made of painted wood and a little hair, Master Willie," said the blacksmith's wife one day. "Why should you care for it; it is not even alive."

"But if it were alive, anyone could love it."

"And living hands made it," the Miller's wife said. "I wonder what strange hands they were;—take care of it for the sake of them, little master."

"Yes, dame, I will," he answered gratefully, and he went on his way thinking of the hands, wondering what tasks had been set them to do since they fashioned the little goat. He stayed all day in the woods helping the children to gather nuts and blackberries. In the afternoon he watched them go home with their aprons full; he looked after them longingly as they went on their way singing. If he had had a father and mother, or brothers and sisters, to whom he could have carried home nuts and blackberries, how merry he would have been. Sometimes he told the children how happy they were to live in a cottage with the door open all day, and the sweet breeze blowing in, and the cocks and hens strutting about outside, and the pigs grunting in the styes at the end of the garden; to see the mother scrubbing and washing, to know that the father was working in the fields, and to run about and help and play, and be cuffed and kissed, just as it happened. Then they would answer, "But you have the tall lady for your aunt, and the big house to live in, and the grand carriage to drive in, while we are poor, and sometimes have little to eat and drink; mother often tells us how fine it must be to be you."

"But the food that you eat is sweet because you are very hungry," he answered them, "and no one sorrows in your house. As for the grand carriage, it is better to have a carriage if your heart is heavy, but when it is light, then you can run swiftly on your own two legs." Ah, poor Willie, how lonely he was, and yet the tall aunt loved him dearly. On hot drowsy days he had many a good sleep with his head resting against her high thin shoulders, and her arms about him.

One afternoon, clasping his goat as usual, he sat down by the pond. All the children had gone home, so he was quite alone, but he was glad to look at the pond and think. There were so many strange things in the world, it seemed as if he would never have done thinking about them, not if he lived to be a hundred.

He rested his elbows on his knees and sat staring at the pond. Overhead the trees were whispering; behind him, in and out of their holes the rabbits whisked; far off he could hear the twitter of a swallow; the foxglove was dead, the bracken was turning brown, the cones from the fir trees were lying on the ground. As he watched, a strange thing happened. Slowly and slowly the pond lengthened out and out stretching away and away until it became a river—a long river that went on and on, right down the woods, past the great black firs, past the little cottage that was a ruin and only lived in now and then by a stray gipsy or a tired tramp, past the setting sun, till it dipped into space beyond. Then many little boats came sailing towards Willie, and one stopped quite close to where he sat, just as if it were waiting for him. He looked at it well; it had a snow-white sail and a little man with a drawn-sword for a figure-head. A voice that seemed to come from nowhere asked—

"Are you ready, Willie?" Just as if he understood he answered back—

"Not yet,—not quite, dear Queen, but I shall be soon. I should like to wait a little longer."

"No, no, come now, dear child; they are all waiting for you." So he got up and stepped into the boat, and it put out before he had even time to sit down. He looked at the rushes as the boat cut its way through them; he saw the hearts of the lilies as they lay spread open on their great wide leaves; he went on and on beneath the crimson sky towards the setting sun, until he slipped into space with the river.

He saw land at last far on a-head, and as he drew near it he understood whither the boat was bound. All along the shore there were hundreds of dolls crowding down to the water's edge, looking as if they had expected him. They stared at him with their shining round eyes; but he just clasped his little goat tighter and closer, and sailed on nearer and nearer to the land. The dolls did not move; they stood still, smiling at him with their painted lips, then suddenly they opened their painted mouths and put out their painted tongues at him; but still he was not afraid. He clasped the goat yet a little closer, and called out, "Apple-blossom, I am waiting; are you here?" Just as he

had expected, he heard Apple-blossom's voice answering from the back of the toy-town—

"Yes, dear brother, I am coming." So he drew close to the shore, and waited for her. He saw her a long way off, and waved his hand.

"I have come to fetch you," he said.

"But I cannot go with you unless I am bought," she answered, sadly, "for now there is a wire spring inside me; and look at my arms, dear brother;" and pulling up her pink muslin sleeves, she showed him that they were stuffed with sawdust. "Go home, and bring the money to pay for me," she cried, "and then I can come home again." But the dolls had crowded up behind, so that he might not turn his boat round. "Straight on," cried Apple-blossom, in despair; "what does it matter whether you go backwards or forwards if you only keep straight when you live in a world that is round?"

So he sailed on once more beneath the sky that was getting grey, through all the shadows that gathered round, beneath the pale moon, and the little stars that came out one by one and watched him from the sky.

I saw him coming towards the land of story-books. That was how I knew about him, dear children. He was very tired and had fallen asleep, but the boat stopped quite naturally, as if it knew that I had been waiting for him. I stooped, and kissed his eyes, and looked at his little pale face, and lifting him softly in my arms, put him into this book to rest. That is how he came to be here for you to know. But in the toy-land Apple-blossom waits with the wire spring in her breast and the sawdust in her limbs; and at home, in the big house at the end of the village, the tall aunt weeps and wails and wonders if she will ever see again the children she loves so well.

She will not wait very long, dear children. I know how it will all be. When it is quite dark to-night, and she is sitting in the leather chair with the high back, her head on one side, and her poor long neck aching, quite suddenly she will hear two voices shouting for joy. She will start up and listen, wondering how long she has been sleeping, and then she will call out—

"Oh, my darlings, is it you?" And they will answer back—

"Yes, it is us, we have come, we have come!" and before her will stand Willie and Apple-blossom. For the big doll will have run down, and the wire spring and the

sawdust will have vanished, and Apple-blossom will be the doll's little girl no more. Then the tall aunt will look at them both and kiss them; and she will kiss the poor little goat too, wondering if it is possible to buy him a new tail. But though she will say little, her heart will sing for joy. Ah, children, there is no song that is sung by bird or bee, or that ever burst from the happiest lips, that is half so sweet as the song we sometimes sing in our hearts—a song that is learnt by love, and sang only to those who love us.

